



# Obrigada por tudo...

UM ROMANCE DE

**VIVIAN GUILHERME**

AUTORA DE O CARA DO PÔSTER

Esta é uma obra protegida por direitos autorais.

Este eBook é uma cortesia da autora Vivian Guilherme e não pode ser vendido, comercializado ou utilizado para fins lucrativos.

O compartilhamento gratuito do arquivo é permitido, desde que o conteúdo permaneça íntegro e sem alterações. Não é autorizada a reprodução parcial ou total desta obra em outros formatos, plataformas, sites, redes sociais ou materiais derivados sem autorização prévia da autora.

Obra registrada na Biblioteca Nacional.

Hash: e357d73ce024829d921064ca02e54e472adaad01d948ec00c7ea445b70f9f244

© Vivian Guilherme

Todos os direitos reservados.

#### **ALERTA:**

Classificação indicativa: **+18**

Esta obra contém linguagem imprópria para menores de idade, cenas de conteúdo sexual explícito, consumo de álcool e outras situações destinadas ao público adulto.

A leitura é recomendada apenas para maiores de 18 anos.

Ao continuar, o leitor declara estar ciente da classificação indicativa e de todos os temas abordados ao longo da narrativa.

*But now I'm  
Stronger than yesterday  
Now it's nothing but my way  
My loneliness ain't killing me no more  
I'm, I'm stronger  
Than I ever thought that I could be, baby.  
("Stronger", Britney Spears)*

# Prólogo

*Dezembro de 2001*

## **LISTA DE COISAS PARA FAZER ANTES DOS 40 ANOS**

- Fazer faculdade em uma universidade pública;
- ~~Perder a virgindade;~~ Experimentar muitas coisas sexuais diferentes;
- Ter um filho;
- Viajar para todos os estados do Brasil;
- Escrever um livro;
- Ir a todas as festas de faculdade;
- Fazer doutorado;
- Me apaixonar de verdade;
- Ter minha própria casa;
- Convencer minhas amigas a irem a uma micareta;
- Conseguir ouvir rock por mais de 2 minutos;
- Gostar de fazer atividades físicas;
- Aprender a fazer bolo;
- Cantar e dançar Ragatanga sem errar a letra;
- Conhecer uma pessoa aleatória e pedi-lo em casamento;
- Tomar um porre até não me lembrar quem sou;
- Passar um dia inteiro na cama dormindo;
- Ir à rodoviária e pegar o próximo ônibus, para qualquer lugar;
- Alisar o cabelo;
- ...

ABRIL, 2024

É isso. Aqui estou eu. Quase quarenta anos e parando em uma loja de conveniência para comprar cervejas. Há vinte anos eu estaria entrando neste lugar para comprar vodca e refrigerante e levá-los para qualquer festa de faculdade com muita gente desconhecida e de passado duvidoso. Mas agora, o objetivo das bebidas é uma reunião de meninas na casa da Lari para falarmos sobre nossa caótica vida amorosa. Ah, claro, como se eu tivesse uma para falar sobre.

Estaciono o carro no posto e entro na lojinha. Eu poderia ir até o supermercado, onde seria muito mais barato, ou até em um depósito de bebidas, mas tudo isso se eu tivesse me programado. Acabei esquecendo das bebidas, assim como, esqueci de trocar de roupas — ainda estou de moletom, meu uniforme para ficar em casa — e quando lembrei, só tinha essa conveniência no caminho.

Entro no lugar muito iluminado e vou em direção às geladeiras. *Quando foi que uma cerveja ficou tão cara?* Não sei e prefiro nem pensar, mas o cara ali deve estar cheio da grana, porque está enchendo uma sacolinha inteira de cervejas e daquelas verdinhas, muito caras! Ele deve ser milionário, daqueles que têm copo Stanley com o nome gravado e que usa sapatênis, ah sim, ele está de sapatênis. Um barulho chama a minha atenção e olho para a porta do estabelecimento se abrindo.

E aí, eu vejo, ele para na frente da porta de vidro, empurra e entra. Eu me viro para as geladeiras na mesma hora, tentando dar as costas e esconder meu rosto para não ser descoberta. Tudo em vão, aquele cara tem olhos de lince e me veria até na Etiópia se fosse possível.

— Mari?! — ele fala e sinto minhas costas pegarem fogo, deve ser a visão de raio-x dele derretendo toda a minha camada adiposa.

O desespero toma conta completamente e tenho certeza que a adrenalina faz meus neurônios pifarem, então, penso, quer dizer, não penso e tomo uma atitude.

— Ah, está bom, amor! Acho que isso é suficiente, não precisamos de tanta cerveja assim — me abaixo e ajudo o “cara rico” a se levantar e tirar do chão a sacola com garrafas de cerveja, então me viro, para ele, aquele que acabou de entrar: — O-oi? Tudo bom?

Finjo naturalidade. Sou ótima nisso! Dois olhares me observam atônitos: (1) do homem que acabou de entrar na loja e me cumprimentou; (2) do homem que eu chamei aleatoriamente de “amor”.

— Ah, legal, não sabia que tinha voltado para a cidade, achei que ainda estava fora, que bom... — esse era Rafael, meu ex, não bem meu ex, mas meu ex... enfim...

[Para fins de identificação, passarei a chamar o homem desconhecido, aquele que enchia a sacolinha de cervejas, de Desco.]

— Sim, voltamos — falo para o ex, mas voltando o olhar para o Desco — Bom, né? Mas, temos que ir, vamos, amor? — repito fazendo sinal com a cabeça para o Desco, indicando o meu ex que acabou de entrar.

Desco continua me olhando, inclina a cabeça e franze os lábios.

Eu insisto com as mãos, para que ele responda. Ele continua hesitante.

— Ah, sim, claro, com certeza...ahn... — ele titubeia — ...amor?

Rafael continua nos olhando e volta a me encarar: — Tudo bem, tudo certo... é... tudo bem? Como você está?

— Noiva! Não, não tenho anel, porque, né.. você sabe... esses homens... — cutuco Desco com o cotovelo e ele faz uma careta.

— Ah, sim, entendo... é... foi fisgado, hein, amigão! — Rafael tenta brincar, mas ele é patético, aquele cabelo com gel, eca! Meu estômago embrulha.

— Fisgado... hmmm... — Desco repete olhando para o nada.



Na mesma hora agradei por ele não ser oficialmente meu noivo, porque eu praticamente entraria em coma se tivesse que conviver com alguém tão monossilábico e sem expressão.

— Legal, valeu, Mari, bom te ver! Boa sorte aí, amigão! — Rafael sai da loja sem levar nada, aparentemente meio sem rumo. Absolutamente idiota como sempre foi.

Desco me olha emburrado, é um homem de uns 45 anos ou mais ou menos, não sei, perdi a capacidade de julgar a idade das pessoas. Afinal, eu vou fazer 40, caramba! Mas ele é alto e está em forma, tem a pele escura, cabelo raspado e está bem vestido. A forma como ele me encara faz com que eu me sinta um monstro.

— Papai, você está namorando? — escuto uma voz muito fina, vindo da direção do caixa da loja.

Desco me olha com ainda mais raiva. E daí eu entendo: sou realmente um monstro. Acabo de arruinar a vida de uma criança que agora acha que o pai está namorando. Essa sou eu, prazer, Mariana, ou como minhas amigas me chamam: Mari, vulgo, a monstra que acaba com a vida de crianças indefesas.

— Espero que realmente tenha sido por um bom motivo... — Desco passa por mim e me empurra com o ombro. Ele está muito, muito puto.

— É um motivo excelente! — quase grito, na tentativa de esconder a verdade, não era um bom motivo, era um motivo mediano... não... era um péssimo motivo, tão péssimo... quase na mesma intensidade do quanto me sentia péssima pela criancinha que saiu de trás do balcão segurando um pirulito e vindo em direção ao Desco.

Será que agora a criança esperava que eu fosse ser a mãe dela?

E então...

— Mamãeeeeeee! — a criança grita e vem em minha direção.

Eu gelo. Meu corpo fica paralisado e os olhos estalados.

A sorte?

O menininho desvia de mim e abraça a mulher que está entrando na loja.

Claro! Excelente, Mariana! Fui criar uma situação dessas com um homem casado, com um filho pequeno. Como está a cabeça dessa criança agora, meu Deus? Vou acabar com a vida do coitado do homem e da coitada da criança pelo quê?! Exatamente... por que eu precisava fingir que estou em um relacionamento e... noiva? Não precisava exagerar tanto assim. Precisava? Qual era o motivo mesmo...?

JANEIRO, 2012

Eu não queria ir. Eu nunca quero ir, mas vou. Eu vou simplesmente pelo fato de que adoro sair. Não me importo muito com o lugar, com as pessoas ou com o tipo de programa que vou encontrar, do que eu gosto mesmo é de sair. Por isso que é uma terça-feira à noite e aceito o convite de Dani para ir no “xxxxxxx” (não sei o nome do lugar, só aceitei ir).

Aliás, nem compensa tentar descobrir o nome dos lugares que as meninas vão, são tão genéricos, tão iguais, aqueles barzinhos com cheiro de cigarro, gente feia e música ruim. Todos encostados na parede, bebendo ou balançando a cabeça. Mas, ainda assim, eu vou. É um pouco de excesso de amizade? É. É um pouco de falta de ter o que fazer? É. É um pouco de fogo na periquita (como minha mãe costuma dizer)? Com certeza, é.

Lari tinha acabado de ter nenê, Mel sempre arrumava uma desculpa para não sair de casa. Então, lá estávamos nós. Eu e Dani com quase 30, vivendo a mesma vida de 20. *Afinal, se os 30 são os novos 20, seriam os 40 os novos 30? Filosófico, eu sei.*

Dani estava comemorando o fato de ter conseguido um intercâmbio na Inglaterra e eu celebrava o fato de não fazer a mínima ideia do que queria fazer da minha vida. Apesar de já estar no Doutorado de Geologia, ainda percebia que aquilo não era absolutamente minha meta de vida.

— Gostei da sua roupa, onde comprou? — perguntei a Dani, enquanto dividíamos vários drinks aleatórios que escolhemos no cardápio.

— É de marca, meu amor, gostou? — ela estufou o peito e exibiu o top cheio de lantejoulas, muito, muito chamativo. Eu usaria uma coisa dessas há uns anos atrás, mas depois que comecei a colecionar quilos ao longo dos anos, me tornei mais seletiva com o que vestir. — Decidi que daqui pra frente só vou me vestir bem, dizem que escassez atrai escassez e não posso correr esse risco.

— Mudanças no prazo para o primeiro milhão?

Ela ergueu a taça e encostou na minha, fazendo um brinde: — Adiado, mas não extinto. Agora o primeiro milhão vai vir aos 40 e assim consecutivamente.

— Eu admiro seus planos — e era verdade, eu sempre admirei a capacidade de Dani de ter sua vida tão controlada e definida tão cedo. Ela parecia um relógio-ponto, com as metas de vida definidas em post-its grudados na parede.

— Você não tem os seus? — e aí... veio a pergunta, aquela que eu tanto temia.

— Tenho sim — respondi, mas era mentira, meus planos terminavam no Doutorado, depois dali, era praticamente um penhasco bem alto, e eu não conseguia ver o fim. Na verdade, minhas metas estavam restritas a uma lista que fiz antes de completar 18 anos e só. Nunca mais voltei a olhar para ela.

— Então, é mais ou menos isso.

Queria perguntar para Dani: “Isso o quê, minha filha?”. Só que deixei passar. Dani não entenderia, talvez se Mel ou Lari estivessem ali, elas me entendessem. Porque minhas metas profissionais terminavam no Doutorado, mas as pessoais não estavam nem no começo.

— Você não pensa em ter filhos? — arrisquei e perguntei para Dani.

— Nem morta! Filhos, marido, eu ‘tô’ fora! — ela respondeu e tomou um copo inteiro de vodka em um gole, batendo o copo fortemente na mesa depois.

Continuei em silêncio pensando naquilo e olhando ao redor, morrendo de vontade de estar curtindo um pagodinho, dando uma dançadinha para não pensar em nada.

— Você pensa? — Dani falou e a olhei erguendo uma sobrancelha — Em filhos... essa coisa aí meio brega que nem a Lari?

Fiquei virando uma pedra de gelo no copo com a ajuda de um canudo e olhando para o movimento que faziam, virando e derretendo dentro do vidro.

— Porra! De todas as pessoas no planeta, nunca imaginei isso de você, Mari! — ela fazia soar como uma afronta, como uma aberração o fato de eu querer ter filhos, quando, na verdade, a sociedade encarava Dani como a exceção.

— Eu só... acho legal ter algo para passar adiante... sei lá... mas... está cada dia mais difícil encontrar o cara certo para “fabricar” um filho — fiz as aspas no ar.

— Sinto informar, mas não dá para “fabricar” um filho tomando pílula — ela repetiu meu movimento de aspas.

— E não dá pra “fabricar” um filho com um cara qualquer que você sai aleatoriamente.

— Já assistiu aquele filme da Jennifer Aniston? Aquele em que ela faz inseminação artificial<sup>1</sup>? Pode ser uma opção...

— Pode ser uma opção... — repeti o que Dani disse, mas sem convicção.

— Ou você pode tentar aquele cara ali — ela indicou um rapaz sentado no balcão do bar sozinho. De costas, ele era interessante.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, tentando decidir se concordava com ela ou se simplesmente fingia que essa conversa nunca tinha existido. Nesse momento, o cara do bar olhou para trás e consegui ver seu rosto, não era dos piores, nossos olhares se encontram e ele dá uma piscadinha para mim.

— Pode ser uma opção... — respondi para Dani.

O rapaz do bar se levantou e veio em nossa direção. Ele andava como um personagem de desenhos animados, balançando os quadris e sorrindo, como se houvesse um holofote em cima dele o anunciando como “a nova onda do verão”.

— Olá, garotas! — ele se apresentou todo galante, é... ele parecia um galo mesmo, até com aquela crista levantada. Qual era a dessa moda de gel na franja fazendo um topete? Qual o sentido disso?

— E aí? — respondi meio interessada, meio desconfiada.

— Minha amiga aqui está querendo fazer um filho, o que você acha disso?

“Obrigada, Dani, muito obrigada por essa informação totalmente indesejada”, falei isso com o olhar. Ela entendeu, porque me respondeu mostrando a língua. Super adulto da parte dela.

— É... — o rapaz engasgou e eu senti pena — meu nome é Rafael.

Quem tinha perguntado o nome dele? Mas foi esperto, fugiu da pergunta da melhor forma possível. Rafael me olhava, estava muito claro quem de nós duas ele havia escolhido. Na balada é assim, você pode estar com quantas amigas quiser, os caras vão analisar todas, escolher uma e partir para o ataque. Eles não pensam que há outras no entorno, que existe ali uma comunidade e que — muitas vezes — preferimos a companhia de nossas amigas do que de um “zé mané” qualquer. Se eles soubessem disso, trariam amigos na hora da abordagem, mas falta um pouco de criatividade.

— Prazer, Rafael, sou a Mari.

— Prazer, Mari... posso me sentar?

Outra dica? Nunca se convida para sentar. Ninguém vai dizer “não” porque soa deselegante, mas se quiserem que você se sente, vão convidar.

Dani se levantou: — Pode sim, estava de saída.

— Não estava, não! — fiz uma advertência e estreitei os olhos para ela. Me chamar para sair e me deixar sozinha? Inaceitável!

— Estava, sim! Marquei com o vizinho de finalizar a noite lá e já está na hora de finalizar a noite... se é que me entendem... — ela dá uma piscadinha pra mim e manda um beijo no ar.

Rafael me olha com aqueles olhos castanhos brilhantes. Ele não é feio, mas também não é bonito.

Uma hora depois eu estava querendo beijar Rafael. Não porque ele era o amor da minha vida, ou porque era lindo, legal, inteligente, eu queria beijá-lo para que ele calasse a boca. Eu tinha tentado me levantar três vezes, mas ele sempre dava um jeito de me

---

<sup>1</sup> Filme “Coincidências do Amor”, de 2010.



manter ali. E de novo lá vinha a história da ex em Brasília que era rica e mais velha que ele. Meu Deus! Quem perguntou? Por que ele está falando da ex pra mim?

— Nossa, que legal, Rafa, bacana, né? Mas eu preciso ir, tá... — olhei o relógio para indicar que estava tarde.

— Ah, que pena, fica mais um pouquinho só — ele insistiu.

Eu revirei os olhos e o beijei. Fomos para a casa dele, transamos (com sorte) uma única vez.

Foi péssimo. Não péssimo a ponto de ser a pior transa da minha vida, mas a ponto de ser uma que eu não gostaria de repetir. Tanto é que fui embora de lá antes das duas da manhã, não dava pra passar a noite na casa daquele cara, ele colecionava carrinhos. Quem colecciona carrinhos?



Apesar de eu não ter passado meu telefone para Rafael, ele descobriu. Nunca soube como. Ele começou a me telefonar desesperadamente e eu fugi. Por um tempo achei que ele era um stalker, mas devo admitir que me beneficiei disso em alguns momentos, por exemplo, quando não queria passar o Dia dos Namorados sozinha e ligava para ele, ou quando estava com muito tesão e precisava de algo para me distrair, mas continuava sendo péssimo.

Rafael era meu estepe, por longos dez anos. Até que ele me pediu em namoro e, claro, eu neguei. Eu odiava o cabelo dele com gel, o cheiro de naftalina das roupas dele e, mais ainda, odiava o beijo, aquele excesso de baba, o lábio frouxo. Credo! Por que a gente se submete a tanta coisa degradante por uma rola, meu Deus? Vou para o inferno por ter usado a palavra rola e Deus na mesma frase?

Preciso me confessar.

Ah, falando em confissão, eu confesso: parei de ligar para Rafael em 2020, quando a pandemia começou e percebi que eu não precisava de muletas e que minha vida era mais importante do que um vírus, ou um germe, um verme ou de um Rafael. Talvez tenha sido cruel compará-lo a um verme, mas um germe cai bem para ele. Só para deixar claro, eu sei que germe e vírus é a mesma coisa, tá?

ABRIL, 2024

A situação estava estranha, a criança ao lado da mãe, Desco e eu. Eu ali entre eles, separando a família feliz na loja de conveniência. Mas, é claro, sempre é possível dar uma piorada, ainda que haja a probabilidade de melhorar.

— Mamãe, essa é a namorada do papai! — o menino com as mãos gordinhas e a bochecha mais fofa do mundo fala e eu tenho vontade de apertá-lo de tanta fofura, mas no momento, quero apertá-lo até fazê-lo calar a boca!

A mulher olha espantada, por motivos óbvios, e me olha de cima a baixo. Ela é uma dessas mulheres modelo, maravilhosas. Está bem vestida e com o cabelo impecável. Já eu... bom... não lembro se penteei o cabelo antes de sair.

— Não sabia que estava namorando, Marcelo — ela fala pra ele, não para mim.

Sinto alívio, não somente porque parece que estão separados (olho para o dedo dela, aliança; olho para o dedo dele, sem), mas também porque agora posso parar de chamá-lo de Desco e adotar o nome Marcelo. Ah, e agora não preciso falar para minha psicóloga (assim que eu voltar às sessões) que destrui uma família feliz.

— Pois, é. Não conto tudo para você, Elisa. Minha vida não é mais a sua — Marcelo chega perto de mim e passa o braço pelos meus ombros. Ele é muitos centímetros mais alto que eu.

Bem, ora, ora, meu amigo, parece que nós dois temos problemas com ex aqui.

— Eles ‘tão’ noivos, mamãe — a criança fofa fala para a mãe, puxando a barra da saia dela. Sim, ela estava de saia, ou vestido, ou qualquer um desses conjuntos que deixam o corpo saradíssimo.

— Noivos?! — a mulher, vaca-Elisa (adotei esse apelido no exato momento que percebi que ela está com as unhas feitas e tem pés bonitos, enquanto eu não faço as unhas há uns dois anos. Vaca!) fala para Marcelo com um tom incrédulo.

Sinto raiva. Não só porque ela está linda. É, ela está linda e Marcelo parece estar acabado. Mas porque a forma como ela fala parece duvidar que o coitado do Marcelo poderia superá-la ou, então, está duvidando da MINHA capacidade de conquistar um homem bonito como aquele.

— Pois é, você sabe como é, né? Marcelo sendo Marcelo, que coisa! Mas sem um anel ainda! — balanço a cabeça como se eu soubesse como Marcelo é de verdade.

— Ah, com certeza. Não espere um, viu? Ele vai esquecer de te dar um anel e, provavelmente, vai esquecer o dia do seu aniversário, de buscar o filho na escola, essas coisas... — ela fala enquanto anda pela loja e pega pacotes de biscoito fitness.

— Chega, Elisa. A... a.... minha noiva está ficando constrangida — ele se enrola tentando pensar em como me chamar, mas até que se sai bem.

— É bom para ela saber.

— Ah, mas eu sei! Marcelo é esquecido, mas sem problemas, pfff — dou uma bufada e coloco a mão na boca para contar um segredo — eu sou mais esquecida que ele — dou uma piscadinha para a mulher.

Ela parece horrorizada.

— Enfim... ahn... eu trouxe suas coisas, se puder pegar no carro, por favor — ela dá a ordem e sai da loja.

A criança a acompanha pulando de um lado a outro.

— Ela não vai pagar pelos biscoitos que pegou? — pergunto olhando para o caixa.

— Ela nunca paga... — ele joga os ombros para frente, em uma postura de derrota que dá dó, e sai dali, acompanhando os passos da mulher.

Então, entendi. Marcelo era dono da loja. Sinto ainda mais pena, aqueles biscoitos são muito caros! Sem motivo algum lembro de Dani falando que não posso ficar pensando em coisas caras ou baratas, porque traz escassez, mas eu tenho dinheiro! Só acho ridículo quem gasta dinheiro com coisa idiota, ué!

Marcelo volta segurando uma caixa de papelão enorme e, aparentemente, pesada. Coloca-a na lateral do caixa e volta a me encarar.

— Mariana. Mari! — aproveito para me apresentar formalmente.

— Putz! Mari... — ele bate a mão na testa como se estivesse se culpando por não ter lembrado — o cara te chamou na hora que entrou, não é? Eu não guardei, fiquei em dúvida se era..., sei lá, qualquer um desses nomes genéricos com apelido idiota.

Idiota era ele. Por que mesmo eu estava com dó dele até 5 minutos atrás?

— Genérico, assim como, o seu papel de pai divorciado que quer fingir que superou a ex?

Ele abre a boca para me responder e fecha na sequência. Abre de novo e fecha. Ele está pensando em uma resposta.

— Eu superei minha ex, só para constar, e sou um pai divorciado muito presente na vida do meu filho e não fiz nem metade das coisas que ela me acusou.

— Se você diz... — ergo as sobrancelhas e volto para as geladeiras, depois dessa, eu preciso de mais cervejas e sair dali correndo.

— E você...? Também não superou o ex?

Ignoro o que ele fala e penso em uma resposta que pode quebrá-lo em dois, por exemplo, poderia dizer que o cara é um stalker e que tenho uma medida protetiva contra ele e que sou uma vítima de violência doméstica. Fico imaginando a cara sem graça do Marcelo ouvindo isso, seria divertido, mas jamais faria qualquer tipo de insinuação nesse sentido, com violência não se brinca.

Então, só falo a verdade, mas não me viro para olhá-lo, falo observando a geladeira de cervejas: — Se ele soubesse que estou solteira de novo, iria voltar a me telefonar todos os dias até que eu aceitasse sair com ele, mas desse passado não quero mais saber.

Enquanto me abro por completo para o totalmente desconhecido Marcelo, dono da loja de conveniência, ele dá uma risada. Viro para entender o porquê ele está rindo de mim e tenho vontade de pegar uma garrafa e arremessá-la.

Ele está sentado atrás do balcão da loja, olhando o celular, provavelmente rindo de algum vídeo da internet, ou seja, cagando para o meu drama de vida.

— Ow! Seu besta! Estou falando com você!!! — grito enfurecida. Idiota!

— Uh-uhm... — ele limpa a garganta e desvia o olhar do celular com desdém — é que era uma história tão interessante que achei mais legal ver um vídeo do Tik tok.

Cruzo os braços e meu ódio por ele cresce 50% sobre os 50% que já existia. Essa soma dá 100%? Vou ter que perguntar para o Dirceu mais tarde.

— Você é muito ridículo, Marcelo!

— Você é muito deprimente, Mariana! — ele fala repetindo meu tom de voz.

Reviro os olhos e respiro até dez. Como era mesmo o negócio de respirar e contar que a Lari havia ensinado?

Pego três latinhas de cerveja e respiro fundo, trabalhando todo o meu Buda interior para poder encarar o homem frente a frente. Arrasto os pés e chego ao caixa.

— Só isso hoje, senhora?

Ele deve estar de sacanagem, então respondo na mesma moeda: — Sim, meu senhor, as coisas aqui são muito caras, sabe?

— Se não tem condição de comprar, então não deveria beber.

Minha boca forma um “o” perfeito. Eu ODEIO esse cara, odeio, odeio, odeio!

Tenho vontade de largar aquelas merdas de cerveja ali e dar as costas, mas esta “caralha” dessa loja é a única aberta num raio de não sei quantos quilômetros. Puta que o p ... me censuro mentalmente.

— Agradeço o conselho, senhor, mas só vou levar essas três hoje, pode passar no crédito, por favor.

Ele parece conter uma risada e eu sinto ainda mais vontade de voar no pescoço dele e matá-lo com as minhas próprias mãos.

ABRIL, 2024

— Um idiota! Um filho da mãe! Um insensível! Um... um... canalha! Um salafrário! Um...

— Acabou o vocabulário? Eu posso pegar um dicionário, mas é melhor falar mais baixo, se não meus pais vão escutar — Lari aconselha.

Cheguei na casa dela transtornada, com os olhos vidrados de raiva. Minha vontade era aprender a fazer uma bomba e jogá-la em cima da loja. Que ó.di.o!

— Respira fundo...

— E conta até dez... — completo a frase de Mel — já tentei! Me dá a cerveja aqui. — Abro a latinha e tomo rapidamente, precisava de um pouco de álcool para deixar minha mente um pouco mais ausente do meu corpo. — Será que foi esse o ódio que Dani sentiu pelo GB?

— Acho que no caso dela, a coisa foi um pouco mais intensa... você sabe... é a Dani...

Estamos na cozinha da família Mark. Como Luiza foi dormir com o pai, Lari achou que seria uma boa ideia nos reunirmos para beber e conversar, como se fôssemos as mesmas juvenzinhas que se reuniam aqui, no passado, para elas tocarem no quartinho do fundo e falarmos sobre nossas paixonites de adolescência. É até engraçado, porque Lari e Mel estão revivendo essas paixonites e tudo parece um túnel do tempo. Até o fato de eu ter reencontrado Rafael naquela noite.

— Mas, e daí, você sentiu alguma coisa vendo o Rafael de novo?

— Eu nunca senti nada por ele, Mel — era difícil explicar isso para as duas, como dizer para as minhas duas amigas que supervalorizam o romance, que era possível sair com um homem só por tesão. Ou, no caso, só por carência mesmo.

— Isso é estranho... — Mel pondera, um comentário já óbvio.

— Não é estranho, não. É bastante normal — Lari me surpreende com a intervenção.

Então, me ajeito na cadeira e apoio os cotovelos na mesa: — Ahn, me fale mais sobre isso, senhorita Mark!

— É só... é que, às vezes, a gente se acomoda e só escolhe alguém por conveniência, algo seguro para a gente não precisar mais ter que procurar. É só para não ficar sozinha.

— Quem aceitaria ficar com qualquer um só para não ficar sozinha?! — Mel pergunta como se isso fosse algo muito absurdo.

— Eu! — Lari e eu respondemos juntas.

Mel parece intrigada e também coloca os cotovelos na mesa e apoia a cabeça nas mãos. Ela nos observa como se fôssemos animais de laboratório, sendo analisados de perto. É uma atitude que eu jamais esperaria dela, afinal, era uma postura muito Dani “a rainha das geleiras” para ser Mel “a princesa dos livros de romance”.

— Achei que você fosse mais coração, Mel.

— É exatamente por isso que não aceito qualquer coisa. Como assim, ficar com qualquer um só para não ficar sozinha? Eu tenho meus gatos, meu apartamento... enfim... se o Zeca realmente, um dia, quem sabe, se ele quiser ficar comigo, eu vou aceitar se eu amá-lo de verdade e não só porque não quero ficar sozinha!

— Você tem meu respeito! — bato no peito e faço um “v” com os dedos na direção de Mel.

— Bom, eu aprendi do pior jeito que “ficar por ficar” é melhor ficar sozinha. Daqui pra frente, relacionamento só com amor de verdade — Lari responde e sabemos o quanto ela sofreu por simplesmente ter aceitado a primeira opção só para não ficar sozinha.

— Na verdade... — começo — acho que esse meu desespero de ter alguém sempre teve a ver com a minha fixação por ser mãe, né? Mas, agora, que resolvi entrar para a fila da adoção, isso está melhor resolvido dentro de mim. Graças à terapia, claro — dou

mais um gole na cerveja e espeto um pedaço de queijo, trazendo-o à boca. — Acho que por isso senti que eu não precisava mais de muletas ou de nenhum Rafael pra me fazer companhia.

As duas sorriem e sei o quanto estão felizes por eu ter tomado essa atitude. Todas elas comemoraram quando eu, finalmente, tomei coragem e dei entrada nos papéis no ano passado. Era um processo muito burocrático e que envolvia muitas e muitas etapas, entrevistas, conversas, grupo de apoio e tudo mais.

Depois de duas fertilizações mal sucedidas, achei que esse era o melhor caminho. É engraçado, sabe, passamos a adolescência inteira com um medo fodido de engravidar. Tomamos pílulas, usamos camisinha, deixamos de transar quando tínhamos vontade, morríamos de medo do atraso da menstruação. Era uma realidade que estampava revistas femininas, era falada nos programas de televisão e um discurso repetido pelas mães: cuidado para não engravidar!

Pois é. Acontece que, quando a gente quer engravidar... não vem. Não vem o cara legal e perfeito com quem você quer dividir uma casa ou dividir um filho. Não vem a casa perfeita para abrigar crianças. Não vem o salário ideal para pagar uma escola particular e um plano de saúde. Não vem o momento certo na carreira. Principalmente, não vêm os óvulos. Eles simplesmente se tornam incapazes de gerar uma vida, aquela mesma, que você tentou tanto evitar, mas que agora deseja desesperadamente.

É até irônico. Acho que é um castigo.

Minha avó dizia que é castigo divino por eu não ter me “casado virgem”. Coitada da vovó. Eu nunca nem casei! Imagino só ainda estar virgem?

De qualquer forma, parece que assim que entrei na fila da adoção, meu coração ficou mais leve e parei de me cobrar tanto. Parei de tentar achar o parceiro ideal, de tentar me sentir realizada na carreira, é como se tudo, aos poucos, fosse tomando forma, se encaixando.

— Acho que vou mudar de profissão... — conto para as meninas.

— Que legal! — Lari responde efusiva.

— O que está pensando?

— Não sei... minha mãe diz que sou velha demais para encontrar outra coisa pra fazer. Eu acho um absurdo! Pensa comigo, vamos viver, pelo menos, mais 40 anos! Quarenta anos é o que vivi até agora!! Então, acho que dá para viver fazendo outra coisa.

— Vai vender colar de miçanga na praia, né? — Lari zomba.

— Tonta! Vocês tiram sarro de mim só porque fiz Unesp, né?

As duas caem na risada. No passado eu teria matado ambas. Odiava quando tiravam sarro da minha fase “hippie”.

— Você seria uma excelente jornalista, sabia?

Fico intrigada com a percepção de Mel, sorrio e agradeço por ter encontrado essas meninas maravilhosas.

— É... eu estou pensando em ser escritora.

As duas gritam efusivamente e sou eu que tenho que pedir para que contenham os ânimos para não acordar papai e mamãe Mark. Elas tentaram me convencer a contar para Dani, mas eu achava que ainda não era a hora. Dani podia ser bastante cruel, mas também poderia me apoiar. Era uma caixinha de surpresas!

— Você poderia escrever um livro para falar sobre a adoção, inspirar outras pessoas, ia ser fantástico!

— É... também... é uma hipótese — penso rapidamente sobre o assunto — Mas venho pensando em escrever um livro de fantasia inspirado no que sei sobre Geologia e criar um mito sobre cavernas e o poder das pedras e... — percebo as duas contorcerem os lábios e entendo. — Tá, vai, podem rir!

As duas caem na risada e acabo ignorando o fato de que realmente estou empolgada com essa história.

— Desculpa, Mari, desculpa. É que você sabe...

— Pensamos no que a Dani diria se estivesse aqui e foi inevitável não rir — Lari completa e eu compreendo.

— Ela diria: colecionadora de pedrinhas!

Todas rimos e sinto as bochechas doerem de tanto rir.



ABRIL, 2024

Lari tinha acabado de me telefonar. Ela teve uma ideia absurda de juntar o amor da vida dela com uma menina ridícula que estudou com a gente no colégio. Tenho vontade de pegar a cabeça dela e enfiar dentro de um tanque até faltar ar e ela se dar conta do absurdo que está fazendo. Por isso, me recuso a participar. Mel aceitou apenas por interesse, ela acredita que o Zeca pode aparecer por lá. Como um toque de magia.

Infelizmente, eu tinha planos para esse fim de semana e o plano se chamava: meu armário. Decidi, finalmente, arrumar as coisas lá dentro. Quem sabe encontro o caminho para Nárnia?! Eu preciso dar embora as roupas que não servem mais e, quem sabe, sair para comprar umas novas. Eu ainda tenho essa utopia de que — um dia — ainda vou conseguir usar as mesmas roupas de dez anos atrás. *Ah, tá bom, senta lá, Cláudia!*<sup>2</sup> Afinal, são quase 30 quilos a mais do que tinha na época da faculdade, mas quem está contando, não é?

Estou analisando as roupas jogadas em cima da cama, ensaiando um começo, o pior é sempre começar. Então, meu celular toca. Não faço a mínima ideia de onde ele está. O barulho indica que em algum lugar debaixo das roupas, ou debaixo da cama, dentro do armário, tanto faz. Ele está perdido, mas não tanto quanto eu estou. Avisto a luzinha piscando embaixo de uma meia-calça e me atiro em sua direção.

— Alô!!! — grito.

— Senhora Mariana?

— Sim... — respondo apreensiva. Eu já sei do que se trata. Me prepararam para isso, todos falavam sobre esse dia e de como seria quando ele chegasse.

— Aqui é Miriam, sou do setor de... — eu parei de ouvir, não porque não quisesse ouvir, mas porque meu coração batia tão alto e tão forte que me deixou surda. A hora tinha chegado. — Você gostaria de conhecer a criança?

— Claro! É claro! — eu não precisava pensar, eu já sabia a resposta e tinha certeza do que eu queria. Minha expectativa estava muito alta desde fevereiro, quando finalmente fui habilitada para entrar na lista. Eu sabia que o processo poderia demorar, porque eu havia colocado algumas condições um pouco complicadas e que não seriam tão simples assim.

Não que eu tenha sido muito exigente, como se estivesse escolhendo um brinquedo novo, meu Deus! Longe disso! Mas é que coloquei uma condição que dificulta um pouco, pelo menos aqui no Brasil. Dei preferência para crianças sem irmãos, para adoção única, e que tivessem no máximo 7 anos. Minha intenção é adotar milhares delas, mas essa vai ser minha primeira! E eu não me sentia segura para cuidar de uma, imagine de muitas! Neste primeiro momento, optei por ir devagar, até porque, diferente da maior parte das pessoas no grupo de apoio, eu estou sozinha. No grupo de pais que estão na fila de adoção, a maior parte é composta por casais, são pouquíssimos solteiros.

Eu sei que consigo fazer isso sozinha. Mas preciso começar. Esse é o começo.



Eu estava muito nervosa quando cheguei, afinal, não é todo dia que você vai conhecer seu filho! Fiz questão de ir sozinha, não comuniquei ninguém. Era um momento único, só meu e dele, que iria ficar na minha mente por toda a vida. Então

---

<sup>2</sup> Meme que ficou famoso, quando Xuxa manda uma criança ficar quieta e se sentar.

escolhi minha melhor roupa, digo, a melhor que encontrei no meio da bagunça (não, não terminei de arrumar o armário ainda), um vestido florido e uma sandália nova. Meu coração continuava a bater daquele jeito acelerado, ensurdecador, e algo parecia estar entalado na minha garganta.

A mulher que me recepcionou, mostrou de longe o menino magrinho que brincava sozinho com um carrinho no canto. Eu o amei no momento em que o vi. Sabia que ele era a pessoa certa, a minha pessoinha certa. Conversamos e brincamos. Ele tinha o sorriso mais lindo do mundo, com uma covinha na lateral e os dentes tão branquinhos. A pele escura brilhante contrastando com a minha, que mais parecia um saco de leite. Seríamos a dupla perfeita, café com leite contra o mundo inteiro!

Depois de uma tarde maravilhosa ali, tive certeza de muitas coisas e a principal delas era que eu precisava de mudanças: um quarto, móveis, roupas, escola e um emprego que não exigisse tantas viagens. Eu precisaria ser e estar mais presente do que nunca. Eu precisava estar ali por Niander. Meu pai ia dizer que parecia nome de jogador de futebol, eu acho que é o nome perfeito para uma saga de fantasia.

— Tchau, Mari! — ele falou olhando para baixo, ainda envergonhado e me despedi.

Assim que saí do universo infantil, precisei voltar para a realidade de “gente adulta”, a parte burocrática. A mulher que me recepcionou indicou que eu fosse a um outro lugar para dar andamento aos papéis. Concordei e me dirigi ao tal lugar.



— Mariana Souza! — uma voz vem de dentro de uma sala.

Eu estava ali há horas aguardando me chamarem. Definitivamente tenho problemas com funcionários públicos. Sei que fazem o melhor, sei que há muita burocracia, mas, me desculpem, tem horas que parece que tudo é feito para não funcionar! Vou em direção à salinha e assim que entro...

— Você?!

— E-eu...? — pergunto para a mulher belíssima do outro lado da mesa.

Ela continua me encarando, talvez tentando entender, assim como eu. Acho que a síndrome da falta de memória que afeta Lari, subitamente, acabou me atacando. Eu não consigo lembrar de onde a conheço. Eu sei que conheço, ela me conhece, mas não faço a mínima ideia de quem é a mulher. Fico encarando-a até que meus neurônios resolvam conversar entre si e façam as conexões. A memória volta. É a vaca-Elisa.

— Uh-hum... — ela pigarreia e indica para que eu me sente. — Pois bem, Mariana... — ela lê meu nome no papel e continua: — vejo que você já está neste processo de adoção, mas nos papéis aqui não consta seu noivo.

— Noivo?! — pergunto em um sobressalto. Do que ela está falando, afinal?! Puta merda! É claro!

— O Marcelo não sabe que você deu entrada no pedido de adoção? Você deve saber que no caso de casamento ou de união estável, é preciso que ambos estejam por dentro do processo e, claro, ele precisa consentir. Já que estão para se casar, isso precisa ficar muito claro.

Quem disse que eu vou me casar sua idiota! Meu Deus! Não! Isso só pode ser praga da minha avó! É isso mesmo?! Já estou ensaiando o discurso para explicar para a mulher que foi um grande mal entendido e que não tem nada a ver, que eu nunca fui noiva! Mas ela é mais rápida do que eu.

— Sabe... — ela fecha a pasta, coloca as mãos sobre os papéis e tira os óculos. Cara! Essa mulher fica linda até de óculos! E então ela me encara, aquele olhar de

pesar, que quase parece dó, ou poderia ser compaixão? Ela continua: — fui um pouco cruel... acho que... fiquei um pouco puta por ele não me falar que meu filho, digo, nosso filho está convivendo com outra mulher, que ele está em outro relacionamento. Enfim... — ela solta o ar — ele é um ótimo pai. Tenho certeza que vai aceitar dar continuidade nesse processo com você e... ele é excelente, tá? Posso reclamar do nosso casamento, mas nunca vou poder reclamar de como cria nosso filho. Então, acho que você deve trazê-lo na próxima visita e devemos atualizar seus dados na ficha cadastral. Quando vai ser o casamento?

Minha filha, que porra de casamento?! Quero sair correndo. Quero xingar o idiota do Marcelo, quero bater nessa mulher perfeitamente compreensiva e linda, quero socar meu próprio rosto até não respirar mais! Só que, me lembro da carinha linda de Niander e de como nossa vida vai ser maravilhosa quando estivermos juntos.

— Acho que este ano ainda! — exclamo.

Vem cá, pode chamar o Caps<sup>3</sup>! Eu desisto! É um caso raro de dissociação cognitiva! Que merda você está fazendo, Mariana?!!!!

— Então, é importante que ele participe desse processo. Consegue trazê-lo ainda esta semana? Fala que eu pego o Enzo na escola se for preciso.

— O-ok... — aviso sim, com certeza, isso se eu soubesse o telefone dele. Aliás, quem dá o nome ao filho de Enzo hoje em dia? O meme não é motivo suficiente?

Me despeço de Elisa, a supermãe, e me sinto péssima por tê-la xingado da última vez. Ela era apenas uma servidora pública fazendo seu trabalho, sendo carinhosa e se preocupando com o próximo. Antes de sair, observo um porta-retratos em cima da mesa. Ela, Enzo e um outro homem, provavelmente, seu atual marido. Bastante bonito e entendo o motivo pelo qual Marcelo precisava tanto se reafirmar.

---

<sup>3</sup> CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) é uma instituição brasileira que visa à substituição dos hospitais psiquiátricos - antigos hospícios ou manicômios - e de seus métodos para cuidar de afecções psiquiátricas.

ABRIL, 2024

Saio dali desnorteada. Preciso encontrar um desconhecido e falar para ele que vamos nos casar ainda este ano só porque vou adotar uma criança! Ouvindo eu pensar parece coisa de maluco mesmo. Imagine a felicidade daquele homem tão agradável e simpático... só que não. Eu precisava de um conselho, mas um conselho amigável e ponderado. Por isso, decido ligar para Mel.

— Só gente velha telefona, Mari — ela me ataca assim que atende o celular. Eu sei que ela odeia falar ao telefone.

— Eu sou velha! Desculpe se você é uma adolescente de 20 anos que tem um amor platônico pelo chefe...

— Ah, maldita! Por que tá ligando?

— Oi, também senti sua falta! Claro que esse é o assunto principal do grupo. Estou ligando pra te zoar mesmo — mentira, estou ligando porque preciso de um conselho, de preferência, um que não venha acompanhado por um sermão me dizendo o quanto fui inconsequente 30 minutos atrás.

— Grupo? Que grupo?

— Nós montamos um grupo de WhatsApp pra fofocar sobre você — claro que ela sabia disso, até eu sei que existe um grupo pra falar sobre todos os meus fracassos amorosos.

— Você só pode estar de brincadeira! Desde quando minha vida amorosa é assunto de vocês?

— Ué, desde quando a gente também abriu um grupo pra falar da vida amorosa da Lari. Você pensou que você era o “alecrim dourado”? É óbvio que temos grupos separados pra fofocar sobre as outras.

— Isso é muito antiético. Considerando que trabalhamos todas na mesma empresa, eu deveria registrar essa queixa no RH! — coitada, vou ter que contar pra ela que não vou mais aceitar trabalhar para empresa.

Escuto uma voz grave do outro lado da linha e tento ouvir melhor o que ele fala, fico preocupada e pergunto: — Mel? O que está acontecendo?

— É... então... hmmm... — ela balbucia e desliga o telefone na minha cara.

Aquela safadinha! Vai me pagar!

Sem bons conselhos, acabo acatando o conselho que vem das vozes da minha cabeça. Isso nunca dá certo. Um diabinho de um lado falando coisas terríveis, um anjinho do outro falando coisas certinhas e, claro, nós sempre escutamos o diabinho. Por quê? Acho que é porque eu gosto de viver com emoção. Única resposta plausível... não há outra.

Paro em frente à porta de vidro, respiro fundo. Dou uma ajeitada no vestido florido e vejo meu reflexo no vidro, ajeito os cachos pintados de vermelho e minha maquiagem até que está ok. Nem pareço uma maluca que vai entrar ali e avisar o cara que vamos nos casar até o fim do ano. Empurro a porta com força e vejo Marcelo atrás do balcão, ele está servindo dois homens idosos sentados em bancos altos. Merda. Teremos testemunhas.

Assim que ele nota minha entrada, desfaz o sorriso amigável que exibia para os velhinhos e revira os olhos. Idiota. Respiro ainda mais fundo e continuo naquela direção. Ele joga um pano no ombro e se apoia na bancada. Parece ainda mais bonito do que minha memória registrou.

— Precisamos conversar — aviso.

— Ora, ora, não esperava ver você de novo por aqui — extremamente presunçoso.

— Nem eu, na verdade, eu passaria bem longe daqui pelos próximos dez milênios se fosse possível!

— No entanto... aqui está você...

— Aqui estou eu! — não me pareceu muito inteligente já começar falando do nada que eu preciso que ele continue sendo meu noivo por algumas semanas. Aliás, foi esse o plano que arquitetei enquanto dirigia até ali.

Minha ideia: convenço Marcelo a continuar com a farsa, só até Elisa estar mais segura sobre minha capacidade de cuidar de uma criança e, então, nós “terminamos” o noivado, o namoro etc, essa coisa que nunca existiu. Eu preciso apenas de duas semanas. Acho que duas semanas é ideal! Alego alguma incompatibilidade, algum desentendimento por causa da pia cheia de louça ou pelo vaso cheio de mijo pra fora e pronto. Tudo resolvido! É uma excelente ideia se não fosse péssima! Digo, seria uma ideia excelente se a motivação não fosse tão idiota.

Mano, quem em sã consciência pega uma pessoa aleatória na rua e fala que está noiva dessa pessoa? Ok, estou pagando por erros do meu passado. Provavelmente, pagando por ter mentido para a professora de Português sobre a morte do meu gato (eu nunca tive gato) só para refazer a prova. Pagando por ter ficado com três caras na mesma balada, inventando que ia no banheiro toda a hora só para mudar de lugar e ficar alternando os parceiros. Posso também estar pagando por ter arrumado uma desculpa para não ir ao jantar de Natal no ano passado. Putz! Deve ser isso.

— E aí... desembucha!

Eu já disse que esse cara é um grosso? Começo a pensar que Elisa é uma mulher boa demais para ele. Cara idiota!

— Eu quero um café, por favor.

— Você quer um café ou quer conversar? Não entendi ainda.

— Café primeiro, depois conversar.

— Dizem que faz mal tomar café à noite.

Respondo a ele com um olhar fulminante e me sento no banco alto, em frente ao balcão. Ele dá de ombros e se vira para começar a preparar o café. Ele está bem vestido mais um vez, de uma forma que destoa da função que ocupa. Aliás, se ele é dono da loja, porque está trabalhando como um funcionário? Será que o lucro aqui é tão ruim que o faz ser dono e funcionário? Por que estou pensando nisso? Estou parecendo a Mel pensando demais. Ops, acho que eu estava olhando para a bunda dele. Que.bun.da! Eu poderia muito bem...

Melhor desviar o olhar. Olho para os velhinhos e sorrio. Eles balançam a cabeça. Velhinhos são simpáticos, mas somente quando não estão olhando seu decote. Os dois deixam uma nota em cima da mesa e se despedem. Ufa! Estamos sozinhos.

— Aqui está, senhora.

— Senhorita. Obrigada — a apresentação do café é ótima, daquelas que formam um desenho com a espuma. Achei que pelo humor dele, fosse capaz de me entregar um café gelado e fraco. Mas não, estava até bom.

— Senhorita... e aí? Vai começar a falar ou posso continuar o que eu estava fazendo?

Engulo o café que atravessa queimando minha garganta, eu devia esperar as coisas esfriarem. Esse sempre foi o meu mal. Impulsividade. Nunca fui capaz de ponderar as opções, de escolher, de analisar as probabilidades. O lema de Mariana Souza é apenas “go with the flow”, fazer primeiro, pensar depois. Normalmente, nunca funciona. Acaba se tornando, fazer primeiro e resolver o problema que eu arrumei depois. Basicamente.

Abro a boca para começar a falar, mas meu celular toca. Olho o visor e é Mel retornando a ligação.

— Oi!

— Oi! Desculpa, precisei desligar, Zeca chegou aqui e...

— Ahhh... entendi... deve ser algo sério, porque você está telefonando. Há quanto tempo não fazia isso?

— Depois que inventaram o WhatsApp ou antes disso?

— Depois...

— Acho que essa é terceira vez...

— Parabéns! Mel, posso te ligar mais tarde? Preciso resolver uma coisa aqui meio urgente, mais tarde eu ligo, preciso falar com você.

— Tá, tudo bem.

Ela desliga e Marcelo está me encarando. Os olhos negros da cor da sua pele parecem brilhar ainda mais sob a luz neon que vem de um enfeite na parede.

— E aí?!

Ele é irritante. Muito irritante.

— Ok. Vamos lá! — Acomodo a bolsa no colo e começo a falar: — Encontrei sua ex-mulher hoje.

Ele se endireita e percebo uma mudança na sua postura. Marcelo cruza os braços em cima do peito e me analisa.

— Ela trabalha num departamento público que cuida de adoções.

— Sim, eu sei onde minha ex-mulher trabalha, mas obrigado por me lembrar disso.

— Posso continuar?

— Fique à vontade, senhorita.

— Obrigada, Marcelo.

— De nada, Mariana.

Era uma conversa passiva-agressiva, não podia dar certo, não tinha como dar certo.

— Eu estou na fila para a adoção e fui lá para assinar os papéis.

— Porra! — ele fecha os olhos e começa a coçar a orelha com o dedo indicador, como se estivesse tentando limpar os ouvidos para escutar direito o que eu acabei de falar. — Como é que é?

— Isso mesmo. Assim que entrei, Elisa me reconheceu, perguntou se você estava ciente de que eu ia adotar uma criança e informou que você precisa participar do processo junto comigo porque, “como estamos noivos” — faço aspas no ar — você é parte disso.

Ele está boquiaberto, totalmente sem reação.

— Você só pode tá de sacanagem! E, claro, você desmentiu tudo e explicou a situação, né? — ele pergunta incisivo e eu desvio o olhar, faço um bico e quase começo a assobiar — Não, você não seria tão inconsequente, não é?

— É que...

— Não, não, não... — Marcelo se exalta e começa a andar de um lado a outro.

— Você não entende, eu estou na fila há algum tempo e... estava esperando tanto por isso... e... ela falou tão bem de você e... quando eu vi... eu... já tinha ido...

— Ido? Ido aonde? O que você falou?

— Que nos casaríamos até o fim do ano!

— O quê?!?!?! — ele gritou, um grito verdadeiro, daqueles que vem do peito mesmo, bem grave e bem assustador.

Fecho os olhos e vou abrindo-os devagar, se ele fosse um X-men teria me matado com a visão de raios laser.

Ele continua: — Nossa, você é muito, muito...

— Inconsequente, você já disse.

— Idiota! Burra! O que você estava pensando?

— Ei, quem você pensa que é pra me xingar desse jeito? — me levanto do banquinho e pareço ainda mais baixa do que ele, então decido voltar a me sentar. — Preciso te lembrar que tudo isso só está acontecendo porque você decidiu ME apresentar para a SUA ex como sua atual? Se você não tivesse feito isso, nada teria acontecido!

— E você se esqueceu que eu NÃO apresentei você como minha atual. Meu filho que fez isso. Quer culpá-lo? Vamos lá! Culpe uma criança de 5 anos por ouvir uma maluca dentro de uma loja de conveniência!

— Aliás, quem leva crianças para uma loja de conveniência?!

— Sério? Você vai por esse caminho mesmo?

Ele tem razão, péssima escolha. Eu não tinha direito nenhum de atacar o homem por causa do seu serviço. Foi um golpe baixo. Afinal, não era como se ele trabalhasse num

bar e levasse uma criança para ficar no meio de bêbados e drogados. Era um lugar bonito com sorvetes e pirulitos para crianças. Eu fui cruel.

— Desculpe, peguei pesado — abaixo a cabeça envergonhada.

Marcelo pega o pano que estava em seu ombro e o atira contra a pia.

— Que cagada você fez, mulher!

— Eu sei... mas... na hora pareceu uma boa ideia... Aliás... eu ainda tenho uma boa ideia para reverter isso.

— Olha, eu espero que seja uma ideia excelente, porque uma só “boa” não vai consertar.

— Minha ideia é sustentarmos isso por umas duas semaninhas só... aí vou dizer que terminamos... que você deixava a toalha molhada em cima da cama ou alguma coisa assim.

— Brilhante! Culpe a vítima! É sempre uma ótima forma de se sentir menos pior consigo mesmo. Aliás, já é a segunda vez em minutos que você culpa a vítima. Excelente!

Ele balança a cabeça e sai de trás do balcão, indo em direção às geladeiras e pega uma cerveja.

— É... só umas duas semanas... eu... eu prometo... O menino... que eu vou adotar... eu juro... vale a pena...

Eu sabia que valia e também tinha certeza que isso seria o suficiente para convencê-lo a me ajudar. Estaríamos fazendo uma boa ação, ele estaria me ajudando a ajudar uma criança órfã.

— Deixa a porra do seu telefone anotado aí em algum lugar. Preciso pensar. Te ligo quando decidir.

— Ok... — pego um pedaço de papel na bolsa e anoto meu número (preciso olhar no celular para lembrar qual é, eu nunca decorei meu telefone), deixo em cima do balcão e me levanto. — Obrigada, Marcelo. Você não vai se arrepender.

— Eu já me arrependi.

— Então isso quer dizer que... — me animo com a possibilidade.

— Não! Ainda vou pensar. Tchau, Mariana.

— Ah, ok... — desanimado e saio da loja sem me despedir.



MAIO, 2024

O mês de abril se foi e com ele a minha esperança. Dois dias se passaram desde que eu conheci meu filho e ainda acho estranho falar “filho”. É emocionante e, ao mesmo tempo, assustador. Elisa, que se tornou minha BFF<sup>4</sup>, me ligou duas vezes para me atualizar sobre o andamento do processo e, obviamente, cobrou a presença de seu ex-marido em tudo isso. Ah, que maravilha! Enfim, só mais um dia comum na minha vida caótica e trágica.

Nos grupos com as meninas (mais precisamente, nos 7 grupos de WhatsApp que temos), não se fala em outra coisa senão o recém assumido namoro de Lari e Nando e o “não tão assumido” rolo de Dani e GB. Ao que tudo indica, em semanas também teremos um “Zé-Mel” e com tanta coisa acontecendo na nossa turma, nem tenho muita disposição para ficar falando sobre o meu drama.

DANI:

Ow, doida! E aí? Novidades sobre o cara conveniente?

MARI:

Gostei do apelido, “cara conveniente”... kkkk... Mas, nada! Ainda esperando...Por que não mandou essa mensagem no grupo?

DANI:

No grupo eu gosto de ser agressiva, só para deixar minha marca registrada. Guardo meu lado amiga-compreensiva para as conversas particulares. Sabe, preciso manter minha reputação.

MARI:

Entendo. Eu sei que foi uma péssima ideia. Por isso, estou pensando em ir lá hoje presencialmente e esclarecer todo esse mal entendido.

(Estou terminando de digitar a mensagem para Dani, quando uma outra notificação aparece na tela.)

NÚMERO DESCONHECIDO:

Oi. Sou eu, Marcelo.

Você mora em casa ou apartamento?

(Que merda de pergunta era essa? Eu precisava de um noivo e não de um corretor imobiliário. Ele só podia estar de sacanagem com a minha cara.)

MARI:

Nossa! Nem casamos e você já está pensando na divisão de bens?

---

<sup>4</sup> BFF vem de best friends forever, gíria utilizada para designar melhores amigas.

NÚMERO DESCONHECIDO:

...

(Odeio imensamente quem fica mandando reticências ou ponto de interrogação para exigir que você responda.)

MARI:

Casa, e é grande. Está pensando em se mudar para cá? Eu só te pedi em noivado, não para morar comigo, ok?

NÚMERO DESCONHECIDO:

Ok, senhorita. Tenho uma proposta para você. Venha até a loja.

MARI:

Quando? Que horas?

(Ele visualizou minha mensagem e não respondeu. Volto para a conversa com Dani.)

MARI:

Ele não responde, o que eu faço?

DANI:

Ele falou pra você ir... então... preciso desenhar?



Ele não está mais tão bem vestido. Está usando uma camiseta de banda, eu sei que é de banda porque já vi as meninas usarem algo assim, aquelas palavras esquisitas escritas de um jeito impossível de ler e umas caveiras assustadoras.

— Ah, perfeito, você é roqueiro!

— É, perfeito, você tem cara daquelas meninas que gostam de Britney Spears...

— Ei! Jamais ofenda minha Britney! Free Britney<sup>5</sup>!

— Tudo sempre pode piorar, não é mesmo? — ele revira os olhos.

— Olha, você que me chamou aqui, por mim, eu já tinha dado esse caso como encerrado e já estava pensando em alternativas...

— Ah, é? E quais seriam elas... assim... só para eu ponderar.

Ele está sentado em um dos bancos altos, do lado de cá do balcão, parece mais descontraído, mas sempre muito mal humorado.

— Todas terminam em tragédia, portanto, acho que nem vale a pena repassar essas informações — penso que não há outras opções e que no momento ele é minha única alternativa e isso é triste, muito triste. — Então... sua proposta é trocar minha casa por um namoro falso? É praticamente a brincadeira do “2 reais ou um presente misterioso”.

---

<sup>5</sup> Free Britney foi um movimento social iniciado na internet criado pelos fãs da cantora estadunidense Britney Spears que exigia o fim de curatela exercida por seu pai, que começou em 2008.

— É quase isso!

— O-oi? Como é que é?! — eu falei brincando, mas fui pega de surpresa.

Ele se levanta, vai até a porta de vidro e a fecha com um cadeado. É tarde, mas não o bastante para fechar a loja, eu sei disso porque a maior parte das lojas de conveniência da cidade fecham às 10 da noite. (É, eu sei, ridículo, mas eu moro no interior, né? Aqui as coisas são assim, o que podemos fazer?) No entanto, não são nem 9 e ele está trancando a porta. Ops. Comigo aqui dentro.

— Vem comigo — ele ordena e segue em direção a uma porta que fica atrás do balcão.

Sinto medo. Não o medo que senti quando aceitei um encontro com um cara aleatório no Tinder e ele me amarrou na cama e eu fiquei pensando o quanto eu era inconsequente por isso. Era um medo do tipo “e se as condições que ele impuser forem impraticáveis”? Meu Deus eu odeio dark romance<sup>6</sup>!

Vou seguindo os passos dele, seguimos por uma cozinha e, finalmente, um pequeno cômodo com uma cama e muitas, muitas, muitas caixas. Ele para e faz um sinal com as mãos, indicando os objetos ao redor. Não fala mais nada, apenas fica me encarando como se eu tivesse que adivinhar o que ele quer dizer.

— Certo, lindo esse lugar aqui. É onde você vai me trancar e deixar para morrer?

Ele solta um riso irônico e balança a cabeça.

— Você é divertida...

— Ah, que bom... é bom saber que eu divirto você! Isso deve ser útil para alguma coisa, do tipo “nossa ela é tão divertida, acho que vou ajudá-la a realizar o sonho de ser mãe”.

Ele me olha arqueando as sobrancelhas e penso no duplo sentido da frase que acabei de dizer.

— Não, não quero dizer que você tem que me engravidar. Quero dizer que...

— Eu entendi o que você quis dizer, Mariana. Mas foi engraçado ver você sem jeito.

— Tá, tá bom. Você vai ser mais específico? Ou posso começar a tirar minhas próprias conclusões do porquê você me trouxe pra esse quatinho fedendo a mofo?

— Você deveria ter mais respeito pela casa dos outros, sabia?

— Uh... — então me dou conta... — você estava falando sério, quer realmente ficar com a minha casa!

Ele começa a gargalhar. Quem diria, o senhor todo rabugento sabe rir!

— Não quero ficar com a sua casa, pode ficar tranquila. Quer dizer, talvez, eu queira apenas um pedacinho da sua casa, mas nada muito sério.

— Ok, está me deixando intrigada, vai começar a falar ou posso voltar para a MINHA casa e continuar a pensar em uma forma menos dramática para morrer?

— Dramática... pff... — ele solta o ar bem devagar e senta na cama, quer dizer, aquilo deve ser uma cama e começa a falar: — Vamos lá, Mariana...

— Só um minuto — eu o interrompo — só para constar eu ODEIO quando me chamam de Mariana, só minha mãe faz isso e exclusivamente quando ela está brava. Então, por favor, pode me chamar de Mari.

— Ok... Má.ri. — ele fala separando as sílabas como se estivesse zombando de mim. Cara, como eu odeio ele. — Minha proposta é a seguinte, nós damos andamento a esse namoro barra noivado falso por duas semanas, apenas, duas semanas. Vou com você lá, converso com a minha ex, vou ser o melhor noivo barra namorado ou seja lá o quê.

— Uhum e em troca...

— Em troca você deixa eu guardar minhas caixas na sua casa!

— Para sempre??!?!?! — pergunto indignada.

— Não! Não para sempre... só até eu encontrar um lugar definitivo para ficar.

— E elas não podem ficar aqui... tipo...onde estão agora?

---

<sup>6</sup> Romances que combinam elementos românticos com temáticas sombrias e perturbadoras, como a violência contra a mulher, o estupro, relacionamentos tóxicos, submissão e mais.

Ele se levanta e vai em direção a uma das pilhas de caixas de papelão. Uma delas eu até reconheço, é a caixa que Elisa trouxe no dia em que nos conhecemos. Marcelo abre uma delas e tira uma caixinha de CD.

— Está vendo isso aqui? É um CD raríssimo do Metallica.

Ele estende a caixinha para mim e eu a pego. Estánojenta. O plástico está gosmento e o papel está manchado. Aí eu entendi. Ele estava perdendo sua coleção para o mofo.

— Putz! Que dó...

— É... esse é só um... — ele pega de volta a caixinha e olha desolado. Marcelo é um colecionador.

— Perdeu muitos?

— Vários... só não perdi tanto porque fiquei enrolando para tirar da antiga casa a coleção de vinil. Mas não adiantou... Elisa trouxe o que faltava. Agora... é só questão de tempo para eu perder tudo.

— E... arrumar um apartamento, uma casa, talvez...?

— Nossa, Sherlock Holmes! Que ideia fantástica! Meu Deus, como você é brilhante! Por que eu não pensei nisso antes???

Idiota. Já disse que ele é idiota? Começo a me virar para sair daquele lugar degradante, afinal, não sou obrigada a sentir cheiro de mofo. Esse lugar é pior do que o quartinho de ensaio das meninas e olha que aquelas caixinhas de ovo na parede deixavam a coisa insustentável!

— Foi mal... foi mal... — ele se adianta, quase resignado. — Eu quero mudar... estou juntando uma grana para comprar uma casa, falta pouco, então, é questão de meses, tá bom?

— Certo. E você vai deixar todo o seu tesouro na casa de uma desconhecida? Quem não te garante que eu não vou vender tudo isso e fazer uma grana bem boa?

— Para isso, temos um contrato!

Ele abre outra caixa e tira uma resma. Ok. Exagerei, não eram tantos papéis assim, talvez umas cinco folhas. *‘Peraí!’ Ele redigiu um contrato?*

— Você fez um contrato???

— Isso!

Permaneço em choque. Esse cara é muito, muito doido. Pego as folhas de sua mão e começo a ler.

— Pode se sentar, se quiser, fique à vontade!

Olho ao redor e acho que faço uma careta, porque rapidamente ele propõe: — Vamos voltar para a loja, eu te sirvo um café enquanto você lê.

— Nossa, quanta hospitalidade!

— Devo tratar bem a futura tutora do meu espólio.

Ele falou espólio e fiquei pensando o que significava isso, deveria ser algo tipo patrimônio, mas inevitavelmente a palavra me lembrou algo sexual. Desculpe, não consegui evitar e por um breve segundo pensei em como ele seria pelado. Isso não faz sentido!

Pois bem, era até um contrato razoável. A proposta era de que deveríamos ser “noivos” por duas semanas, enquanto ele guardaria suas caixas — exatamente 15 delas — na minha casa pelo prazo mínimo de dois meses e máximo de um ano. Ele discriminou um valor geral por tudo e uma multa caso algo acontecesse com seus bens.

— E se minha casa for inundada e acabar com suas coisas? Ou se ratos invadirem a casa e se alimentarem dos seus CDs? — pergunto.

— Existe uma cláusula para isso, página 3.

— Uma cláusula para a invasão de ratos?????

— Não, né? Aff... para o caso de desastres naturais.

Ele realmente pensou em tudo!

— Mas você nem conhece minha casa, não sabe se ela não tem mofo também.

— Tenho certeza que qualquer coisa é melhor do que tenho agora.

— Você tem razão... — dou de ombros e continuo a ler.

Uma xícara de café e um croissant depois, estou decidida. O acordo será firmado e nós dois poderemos dormir tranquilos. Marcelo sabendo que seu tesouro estará seguro e eu sabendo que meu maior tesouro estará à caminho.

— Acho que temos um acordo, então — pego uma caneta na bolsa e assino a última folha.

— Por favor, dá um visto também nas outras páginas.

— Sério isso? — Prendo os lábios para não soltar um palavrão e dou um sorriso falso. — Claro, com certeza, Marcelo.

Termino de rubricar todas as páginas e ele chega perto de mim. Sinto um perfume cítrico com um toque amadeirado delicioso. Onde será que ele toma banho? Aqui? Naquele lugar imundo? Mas quem quer saber, né?

— Pronto, assinado — ele empurra as folhas para mim.

É isso. Temos um trato. Me levanto e pego minha bolsa.

— Ok, amanhã temos uma reunião com a Elisa logo pela manhã, se quiser ir antes e levar as caixas, fique à vontade.

— Combinado.

— Combinado — repito — Até amanhã, Marcelo.

— Até amanhã, Marian...Mari... Mari...

Eu sorrio e vou saindo da loja, mas volto para falar:

— Ei... — falo para chamar a atenção e ele para de arrumar umas garrafas na prateleira para me olhar, eu continuo: — Obrigada por tudo...

MAIO, 2024

Era óbvio que era uma péssima ideia! O cara era insuportável, mais chato que velho na fila da farmácia, daqueles que reclamam que está chovendo, reclamam que está abafado, reclamam que o lugar que eu escolhi para deixar as coisas dele fica no fundo da casa. Enfim, muitas reclamações! O que me motivava era o sorriso de Niander e nos móveis fofinhos que comprei pela internet e estavam para chegar.

Talvez eu tenha sido um pouco precipitada, comprando tantas coisas assim sem nem ter certeza de que tudo iria dar certo. Mas essa sou eu... fazer e depois consertar. Por isso, já me certifiquei de que a loja trocaria os móveis em caso de necessidade. Até que fui um pouco precavida.

Minha casa é grande, na verdade, ainda é difícil acreditar que ela é minha. É a casa onde fui criada e que sempre foi “a casa dos meus pais”, tudo ali dentro continua intocado, os mesmos móveis, decoração e até os tapetes. Sou a filha caçula de três irmãos, uma diferença de quase dez anos, então, meus pais decidiram se mudar para a Praia Grande<sup>7</sup> para morar com minha irmã mais velha; meu irmão está no Paraná, trabalhando em alguma indústria de carne, algo assim. Acabei ficando com a casa, que obviamente é grande demais para mim. Minha mãe acha que é por isso que tenho essa fixação por ser mãe, para encher a casa de pessoas novamente. Bom, eu não precisaria pensar nisso se ela e papai não tivessem me abandonado, me trocado pela minha irmã. (Adoro fazer esse drama com eles.)

— Você já pensou em vender essa caminhonete? Com o valor dela dava pra comprar um bom apartamento — comento enquanto vejo Marcelo descarregar uma Dodge RAM preta lindíssima.

Obviamente ele não responde, me olha daquele jeito mortal e passa por mim, carregando duas caixas. Ele é forte!

— Mas tudo isso é CD e vinil? Quando você começou a colecionar? Tem ideia de quanto tem aí?

Continuo o discurso para uma plateia vazia. Ele parece nem ouvir, mas tenho certeza que está escutando, porque inevitavelmente ele revira os olhos, arqueia as sobrancelhas e bufa.

— Você quer ajuda? Quer que eu fique olhando o carro? Você deixou ele aberto! — mais perguntas sem resposta.

Continuo persistente: — Sabe, longe de mim fazer fofoca, mas esse carro não é caro demais para alguém que mora em uma loja de conveniência, ou melhor, de alguém que é dono de uma loja de conveniência? A não ser que... — minha boca fica aberta, quando começo a pensar e cogitar algumas possibilidades. — Meu Deus! A loja é uma fachada! Você vende drogas, Marcelo????!!!

Finalmente, eu consigo sua atenção. Ele joga uma das caixas no chão — certeza que é uma sem importância e sem nada que quebre, porque ele jamais faria algo assim para destruir sua estimada coleção — e me olha com muito, muito ódio.

— Docinho... — o olhar dele é irônico e cruel — você nunca perguntou a minha profissão.

— Docinho?!!! — De onde diabos veio isso? Ele deve estar maluco.

— Bom, se vamos ser noivos, precisamos de apelidos...

— Nossa, não tinha pensado nisso... — e não tinha mesmo!

— Também temos que pensar que você PRECISA saber a minha profissão — ele enfatiza a palavra para deixar claro que quer que eu pergunte qual a profissão dele. Só por isso, me recuso a perguntar.

— Assim como VOCÊ precisa saber a minha! Aliás, como nos conhecemos?

---

<sup>7</sup> Cidade litorânea no estado de São Paulo.

— É óbvio! — ele responde e sai andando pelo corredor.

— A minha profissão é óbvia?

— Não! A forma como nos conhecemos...

— Ah, é?! — pergunto um pouco confusa, caminhando atrás dele.

Ele se vira e completa: — Você foi até a loja e me encheu o saco até que eu aceitasse sair com você.

Marcelo dá uma risadinha insuportável. Eu tenho dó de Enzo, o filho dele, que deve sofrer absurdamente por ter um pai tão irritante. E daí faz muito sentido Elisa ter procurado um cara bonitão e certamente mais legal do que Marcelo.

— E por que precisa ser eu a fazer isso? Não poderia ser você?

— Bom, dizem que toda boa mentira precisa ter um toque de verdade, então... — ele dá de ombros.

— Você está insinuando que eu implorei para sair com você?

— Ah, não, Docinho... imagine! Foi muito pior, você implorou para eu me CASAR com você!

Ele dá uma gargalhada, provavelmente rindo da minha cara sem reação. Infelizmente, ele tinha razão, mas não era uma razão absoluta.

— Mas que fique claro que é uma via de mão dupla, você também precisa de mim, “Docinho” — repeti o apelido de uma forma cômica, só para irritá-lo, apesar de ele já ser uma pessoa irritável. Ouvi dizer que pessoas irritadas costumam ter problemas para ir ao banheiro, por isso se fala “enfezado”, eu deveria perguntar com qual frequência ele caga? Exato, péssima ideia.

Voltamos para a frente de casa e ele começa a arrumar a lona em cima da caminhonete. Ele até que fica parecendo um fazendeiro charmoso perto dessa caminhonete que combinaria muito mais com um agrobóia do que com um cara que coleciona discos de rock. Essa conta não fecha. De toda forma, preciso entregar algo, para obter o que quero. É melhor baixar as guardas.

— Sou geóloga, aliás.

— Hm... pedrinhas...

Minhas narinas ficam infladas e sinto o sangue subir com mais rapidez até a cabeça, estou a ponto de estourar de ódio. Mas, como diriam: “tente controlar seus nervos”<sup>8</sup>. Ele abaixa a cabeça, balança de um lado a outro e volta a me olhar, ergue um lado do lábio, quase imperceptível e os umedece. Lindos lábios, Marcelo. Um bom dia para arrancá-los com os dentes.

— Ok, Docinho... — ele começa a falar e ergue as mãos com as palmas na minha direção, como se estivesse se desculpando — minha família é dona de uma rede de postos de combustíveis.

— Uhm... — ainda não faz sentido, mas mais sentido do que fazia antes.

— Cada um dos irmãos ficou com um posto, aquele é o meu. Basicamente, eu vivo de investimentos, então...

— Mora numa espelunca e trabalha de garçom apenas por hobby. Muito chique.

— Quase isso... a minha funcionária da loja pediu a conta e não está fácil contratar, sabia? Eu já estava dormindo por ali mesmo, foi só... prático. Mas é temporário, estou com um investimento quase chegando no valor que preciso e, assim que atingir a cota, vou tirar e comprar a casa. É isso... é o tempo que preciso.

— Até que dá pra entender agora.

— Eu nunca vou me desfazer do meu carro, desista, Docinho. Sem utilitários e SUV’s ou carros apertados. Se você estava planejando dar o golpe do baú, sem chance. Isso está descrito na cláusula da página 4.

— Sim, eu vi. Muito inteligente da sua parte acrescentar um parágrafo para falar que não vou ter direito algum sobre seus bens materiais.

Ele dá uma piscadinha e se encaminha para entrar no carro, digo, na caminhonete imensa.

---

<sup>8</sup> Trecho do filme “A Bela e a Fera”.

— Vamos?  
— Quem disse que eu vou com você?  
— Acho que vai parecer estranho chegarmos separados, Docinho.  
Reviro os olhos. É, exatamente, um ótimo dia para cometer um assassinato.



Estou nervosa, algo bem fora do normal. Em um nível que acho que nunca senti antes. Não consigo controlar minhas pernas que se movimentam para cima e para baixo sem controle, dizem que se chama “síndrome das pernas inquietas”. Eu não tenho essa síndrome, é a primeira vez que essa sensação aparece.

— Quer um copo d’água? — Marcelo oferece, parece um lorde inglês, todo educado o canalha.

— Obrigada.

Ele se levanta e vai até o bebedouro. A recepção parece ainda mais escura e fria do que me lembro. Parece que antigamente o mês de maio era mais frio do que está sendo ultimamente, essas coisas de aquecimento global etc., no entanto, hoje está mais gelado. Marcelo está de calça jeans e um moletom verde escuro. Ele fica bem de verde. Estou usando o cardigã que minha mãe tricou para mim, aliás, por falar em mãe, é estranho pensar que há uma possibilidade de eu ter um Dia das Mães diferente este ano.

— Aqui — ele me entrega o copo.

Assinto com a cabeça e ele volta a se sentar.

— Desde quando quer ser mãe?

— Estamos de bom humor agora?

Ele bufa e prende os lábios entre os dentes: — Estamos tentando...

— Está certo... Bom, eu tentei algumas fertilizações, que não deram certo, então... sempre quis adotar. Esse vai ser o primeiro, pretendo ocupar todos os cômodos daquela casa, então, tenho que informar a você que suas caixas têm dias contados lá.

— É uma atitude muito bonita.

— Eu acho engraçado quando as pessoas falam isso, parece que estamos (eu e as famílias que adotam) fazendo algum tipo de caridade. Mas... não tem nada a ver com isso! São essas crianças que estão nos dando a possibilidade de ser uma família.

Ele sorri, parece que gostou do que ouviu.

— Mariana! — escuto uma voz vindo da salinha, sei que é Elisa me chamando.

Marcelo se levanta e eu permaneço sentada. Não consigo me mover, algo tipo ansiedade paralisante, só pode ser. Ele me olha e estende a mão, apenas aceito e nossos dedos se encontram. Eu me levanto e caminhamos de mãos dadas, me sinto mais segura sentindo a firmeza de sua mão. Quando chegamos em frente à porta, aperto ainda mais seus dedos, como se pedisse um apoio. Ele responde apertando duas vezes minha mão, como se fosse um código morse.

— Oi, Elisa — ele a cumprimenta.

Os dois começam a falar de casualidades, sobre como o filho está, sobre o inusitado disso acontecer, sobre o tempo gelado e eu só observo. Será que todos os casais divorciados se comportam assim? Lari nunca mais falou absolutamente nada sobre o ex-marido, mas ainda tinham que manter as relações por causa da filha. É exatamente a mesma situação em que se encontram os dois à minha frente, que continuam conversando.



Começo a me sentir um pouco invisível. Acho que ele ainda gosta dela. Com certeza, por isso ele precisava apresentar alguém e mostrar que tinha superado o trauma de uma separação. É óbvio que ele ainda gosta, essa mulher é perfeita, meu Deus do céu!

— Mariana...? — me dou conta de que Elisa está falando comigo.

— Oi! Desculpa... é...

— Ela está nervosa — Marcelo completa a frase por mim e acho a atitude atenciosa.

— Eu imagino, os papéis já estão indo para o juiz que deve conceder a guarda provisória nas próximas semanas. Vamos autorizar que você veja o menino mais vezes e pode levá-lo para casa, para ele se familiarizar e vocês estreitarem os laços.

Estremeço, as coisas finalmente estão ficando reais e palpáveis. Estou prestes a deixar de ser a geóloga Mari, para me tornar: “mamãe”.

— Vai ficar tudo certo, Docinho. Você consegue... — parece que um alien assumiu o corpo de Marcelo e o transformou em um pai perfeito. O apelido foi dito com um tom carinhoso e nem era mais tão irritante ouvi-lo me chamar de “docinho”.

— Estou feliz em vê-los juntos, acho que formam um bonito casal — coitada da Elisa, vai ficar muito decepcionada quando souber a verdade?

— Também acho — a skin de namorado fofo tomando a forma de Marcelo.

— Praticamente um casal de novela mexicana! — solto a bomba e os dois me olham um pouco intrigados, mas tento consertar — Tipo Mari-Mar! — eles continuam me olhando sem entender, não contente, eu tento explicar — Mariana e Marcelo, MariMar, novela da Thalia! Aquela... que passava no SBT! Maria do Bairro... — eles continuam sem entender e eu pretendo continuar, mas, ainda bem que meu “noivo” é muito atencioso.

— Já entendemos, docinho — ele fala batendo a mão no meu braço

Elisa tem o poder de tirar a guarda da criança de mim? Porque acho que agora isso pode acontecer. Motivo? “A moça assiste novelas mexicanas e faz junção de nomes de casal, isso saiu de moda desde que Brumar e Brangelina<sup>9</sup> foram para o saco!”

O juiz acataria o argumento, tenho certeza.

Termino de assinar mais papéis. Bendita burocracia. E já estamos nos despedindo.

— Marcelo, você deveria ficar com o Enzo este fim de semana, levá-lo para brincar com o Niander. Acho que vai ser importante esse contato.

O casal Mari-Mar se entreolha. Eu queria dizer pra ela que neste fim de semana meu filho vai ser só meu e que não vou dividi-lo com ninguém! Não no nosso primeiro fim de semana juntos. Mas... acho que soaria meio Nazaré Tedesco. Em vez disso, digo:

— Ótima ideia!

Nem preciso dizer que Marcelo me fuzilou com o olhar.

---

<sup>9</sup> A tendência de “casais apelidos” se popularizou na mídia, são formados pela junção dos nomes de casais como Bruna Marqueline + Neymar (Brumar) e Brad Pitt + Angelina Jolie (Brangelina).

MAIO, 2024

Praticamente não dormi de sexta para sábado e no primeiro horário estava esperando na porta da casa abrigo. Niander é tímido, contrastando diretamente com o meu excesso de extroversão. Passamos a manhã jogando jogos de tabuleiro, fiz um café da manhã reforçado e agora estamos cochilando depois de almoçar. Não sei se isso é uma postura de mãe exemplar, tipo, deixar a criança escolher o que quer comer. Na minha época, minha mãe jamais pedia comida e as crianças nunca poderiam escolher o cardápio, era aquilo e pronto.

Acredito que com o tempo eu vou adotar essa postura, até porque minhas condições financeiras não me permitem ficar pedindo comida todos os dias e, além disso, não é nada saudável comer hambúrguer diariamente no almoço. Mas hoje é um dia atípico, hoje é o nosso “primeiro encontro”, nosso momento para nos conhecermos, para se habituar à casa e à sua nova família. E a carinha dele de felicidade comendo o lanche é impagável!

Os móveis do quarto ainda não chegaram e precisei improvisar com um colchão extra. Ao menos, consegui correr em uma loja de brinquedos e providenciar alguns brinquedos para que tivéssemos alguns momentos de diversão. Para domingo eu já tinha feito uma listinha de coisas para fazermos, tipo, ir ao parque. Meu filho está deitado com a boquinha entreaberta, uma respiração pesada e tranquila. Estou completamente hipnotizada pela cena, quando dou um pulo no sofá. A campainha soa alta.

É o alerta para que eu volte ao mundo real. Marcelo e Enzo chegaram. Será que se eu ficar quietinha e não abrir a porta, eles desistem e vão embora?

Eu e Marcelo pensamos nessa possibilidade, de fingir que esquecemos da ideia super bem intencionada de Elisa e... ops! Nossa, o sábado passou. Só que a super mãe Elisa avisou o filho e desde então o menino está desesperado falando sem parar que “vai ter um irmãozinho” — claro que Marcelo me contou isso “virado no Jiraya”<sup>10</sup>, ele estava muito, muito puto com Elisa por ter implantado essa ideia na cabeça da criança e ainda mais puto comigo que iniciei toda essa história.

Com o barulho da campainha, Niander acordou já com toda a vitalidade infantil. É incrível como eles acordam como se nunca dormissem. Não sei se é assim com todas elas, mas todas que conheci sempre foram ligadas no 220V, uma energia sem fim.

— Oi...

— Oi... — nos cumprimentamos sem emoção alguma e nossos filhos também.

Ambos estavam tímidos, mas eu sabia que era questão de tempo para pegarem fogo. Enzo trouxe uma bola de futebol e Marcelo (estranhamente) trouxe um bolo (?!). Nossa, quanta gentileza.

Nos sentamos na sala e a situação era estranha. As crianças olhando para o chão e nós dois tentando promover uma integração forçada. Do tipo: “nossa, ele gosta de futebol, você também gosta? Que time você torce?” Eu odiava essa atitude dos adultos quando eu era criança e aqui estávamos nós, repetindo padrões.

Por sorte, Enzo era literalmente um Enzo e logo estava chutando a bola por toda a sala, quase quebrando os bibelôs que minha mãe deixou como “herança”. Que herança maravilhosa, mãe, obrigada. Poderia ter deixado os móveis do quarto também, não? Enfim... Niander se animou e achei mais prudente direcionar os meninos para o quintal. Sem acidentes hoje, por favor! Não precisamos de crianças sangrando porque perderam um dedo com um bibelô de cristal do século 19.

— Vou passar um café para gente — aviso, deixando Marcelo cuidar das crianças.

---

<sup>10</sup> Virado no jiraya é uma expressão na gíria infanto-juvenil que tem o mesmo significado de estar com um mau humor do cão. Também é usado quando se quer dizer que a pessoa perdeu a paciência com alguma coisa.

Mas ele me segue: — O Enzo não toma café.

— Eu já imaginava isso, estava falando de nós, mas tenho suco de laranja para os meninos. Vou fazer algo pro café da tarde.

— Nossa, está parecendo aquelas mães de seriado norte-americano, que prepara café da tarde especial para os filhos.

— Me desculpe se você acha que isso é coisa de ficção, porque eu pretendo transformar isso em realidade por aqui.

— Uhum...

Eu nunca sei quando ele está tirando com a minha cara, falando sério ou apenas me provocando, ou se todas as anteriores em uma mesma intenção. Eu entro na cozinha e começo a pegar o pó de café. Ele encosta na lateral da porta e cruza os braços em cima do peito.

— Fica tranquilo, tá? Isso vai acabar, só mais uma semana!

— E como faremos com os dois? Se eles fizerem amizade?

Paro de me movimentar e me viro para olhá-lo. Ele tem razão.

— É... bom... amizade é amizade, ué! Não é como se nós dois fôssemos inimigos.

Ele arqueia a sobrancelha, parece duvidar.

— Somos inimigos, Marcelo? — questiono.

— Jamais, Docinho... — ele desencosta da porta e vem em minha direção, de novo aquele tom zombeteiro.

— E suas coisas estão aqui, então, você pode trazer o Enzo para brincar e vigiar seu patrimônio sempre que quiser.

— Obrigado, mas acho que não tenho muita confiança em deixar você sozinha com duas crianças.

— Ah, sim, exatamente porque eu pedi para você ficar tomando conta delas lá fora e você veio atrás de mim.

— Você não me pediu nada!

— Não pedi porque não precisava!!!! Quem está olhando as crianças?

Estou com raiva, muita raiva. E desisto de fazer o café, ele não merece experimentar meu maravilhoso café. Deixo as coisas em cima da pia e vou em direção à porta para cuidar dos meninos.

Como estamos falando de Mari, é claro, eu tropeço no tapetinho da cozinha. (Anotação mental para retirar todos os tapetes da casa para manter a segurança do meu filho) Apenas não caio com a cara na quina da pia, porque Marcelo me segura. Nossos rostos perto demais, muito, muito, de verdade, muito perto. Estou encarando seus lábios grossos, ele engole em seco e os umedece. Sinto uma vontade quase incontrolável de encostar minha boca ali, só para testar a maciez.

— Eu não posso beijar você! — ele exclama, me afastando.

— Não?! — pergunto um pouco sem entender.

— Pelo menos até a próxima semana... — ele se afasta rapidamente.

Faço cara de desentendida e penso que se ele disse “pelo menos”, é porque há uma intenção?

Ele continua: — Você tem certeza que leu o contrato que assinamos?

— Claro que sim!

Marcelo me encara, com os braços cruzados em cima do peito. Não faço a mínima ideia do que ele está falando.

— Tá bom... pode ser que eu tenha confiado demais em você e não tenha lido o contrato inteiro...

— Mas então por que ficou tanto tempo olhando as páginas?

— Porque o café estava bom!!!

Ele revira os olhos: — Você é um tsunami, senhorita!

— Acho que eu prefiro “Docinho”.

— Docinho é só para formalidades.

— Entendo... — a parte carinhosa é apenas uma fachada para esconder nossa relação conflituosa, no entanto, o que tinha acabado de acontecer ali? Resolvo tirar essa

dúvida: — Mas, assim, só pra deixar claro... a gente ia se beijar? Era isso que ia acontecer?

— Eu não ia beijar ninguém! Você que veio pra cima de mim!

— Eu? Eu que... seu... seu... — estou revoltada, ele é muito descarado.

— Maravilhoso, né? Eu sei que sou irresistível! — ele dá as costas e volta para o quintal.

Instintivamente, pego o celular e mando uma mensagem no grupo “Fofocas sobre a Mari”.

MARI:

Acho que ele ia me beijar. Aliás, acho que ele queria me beijar!

MEL:

Ele quem?

MARI:

Marcelo!!!

LARI:

O noivo falso que eu te apresentei?

MARI:

Você não me apresentou ele, Lari. Já discutimos sobre isso!

LARI:

Claro que fui eu! Se eu não tivesse te chamado pra beber em casa naquele dia, você não teria ido à conveniência, não teria encontrado ele e nada disso estaria acontecendo agora.

DANI:

Eu já falei pra você desistir, quando a Lari bota uma coisa na cabeça... impossível tirar! Mas falando sobre o que importa e aí, rolou um pega?

MARI:

Que pega, o quê? Estamos aqui como pais responsáveis cuidando de nossos filhos! Por que ele veio querendo me beijar?

DANI:

Foi ele mesmo? Tem certeza disso? Te conheço baby spice...

MARI:

Duvidando da minha castidade, né? Já te disse pra ficar tranquila, agora eu tenho um dildo e uma coleção de livros de romance hot no meu Kindle. Nunca mais vou precisar de homem na vida!

Assim que termino de enviar a mensagem, os homens chegam à cozinha. Os meninos estão suando, Enzo com a bola debaixo do braço.

— Água, meninos? — ofereço e ambos se sentam na mesinha da cozinha.

Foi interessante, porque apesar de nosso recém estresse, tudo parecia ficar tão bem de uma hora para outra. Marcelo parecia ativar e desativar uma chavinha de “agora sou legal”, “agora sou chato pra caralho” com a mesma rapidez com que comeu o bolo de chocolate. Estou para ver alguém que come tão rápido assim.

Eles conversam sobre futebol, sobre jogos e Niander parece animado. Olhando ele e Enzo assim, lado a lado, chego a pensar insanamente que os dois se parecem, tanto no jeito, quanto na aparência. Devo estar alucinando!

AGOSTO, 2024

“Meu noivado acabou”, foi assim que notifiquei minha mais nova amiga Elisa. Expliquei sobre nossa incompatibilidade e ela disse que entendia, porque “depois da maternidade muita coisa muda” (palavras dela). Ainda assim, ela disse: “você formavam um casal bonito e ele estava feliz”. Ok, minha amiga, se aquilo é estar feliz eu me pergunto o que seria estar infeliz no vocabulário dele. Enfim...

Oficialmente, agora sou mãe de um menino de 7 anos que é maravilhoso. Avisei à empresa que não farei mais avaliações in loco, portanto, nada mais de viagens. E acabei de comprar um curso sobre “como escrever um livro de fantasia”. Essa é a nova Mari.

— Eu estou amando a nova Mari! — Lari afirma.

— Acho que tem potencial, hein! — Mel concorda.

— Vocês estão falando isso só porque eu fiz um bolo? É fácil fazer um bolo, tá?

— Eu discordo em gênero, número e grau. É impossível fazer um bolo.

— Mas isso é porque você nunca cozinhou, Dani!

— A Mari também nunca cozinhou e olha só... está fazendo bolo e com cobertura!  
E... está ótimo!

— Realmente, está excelente.

Eu deveria contar para elas que usei massa de bolo pronta, mas não ia estragar o momento. Afinal, massa de bolo pronta é quase como fazer um bolo do zero! Você tem que colocar ovos, margarina, leite e bater... é a mesma coisa. E a cobertura eu fiz de verdade, no microondas, claro.

Estamos em casa. Luiza está jogando videogame com Niander e nós quatro estamos fofocando. Dani acabou de voltar dos Estados Unidos, Lari está programando uma viagem com Nando; e Mel, finalmente, glória ao Senhor, está com Zeca. Com isso, nossas fofocas estão um pouco mais comportadas do que antigamente. Afinal, Dani está pegando mais leve, claramente, com medo que a gente comece a encher o saco dela sobre o “relacionamento aberto” que está tendo com GB.

— Mas, e aí, como tá o coração? — Lari chega do meu lado, enquanto lavo as louças e Dani continua importunando a coitada da Mel.

— Está bastante tranquilo. Acho que eu precisava mesmo de uma companhia e Niander veio para preencher esse vazio que eu sentia, estamos bem! Vou voltar para a terapia mês que vem, ele também vai começar. Acho importante trabalhar isso.

— Também acho... — ela sorri e me abraça de lado.

Eu nunca vi Lari tão feliz. Parece que ela rejuvenesceu uns 20 anos. Dani diria que a beleza da pele é proporcional à quantidade de sexo que se faz, se isso for verdade, Lari deve estar em uma constante bem boa e eu devo estar parecendo uma velha de 80 anos. Só que isso nem me incomoda mais, acho que já vivi, experimentei e ousei o suficiente por uns 100 anos. Minha cota já foi atingida com sucesso.

Voltamos para a mesa e o assunto volta a ser a “nova Mari”.

— Você tem certeza que não pensa mais no seu “ex-noivo”? — Dani questiona.

Eu olho para o teto e faço um sinal com as mãos, indicando que estou de saco cheio desse papinho.

— Sim, tenho certeza! — A quem estou querendo enganar?

— Ah, então você não vai se incomodar se eu olhar seu histórico de buscas no celular!

Dani pega meu telefone e o destrava. Por que eu uso a minha data de nascimento como senha?

— Ahá! Engraçado... tem várias buscas pelo nome Marcelo aqui, hein?!

— Quem nunca pesquisou o ex nas redes sociais?

— Eu! — Mel é a primeira a responder.

— Credo, gente! Até eu pesquisava os ex de vocês! — aviso.

— Por que você faria isso? — Mel pergunta.

— Pra saber, ué! Curiosidade... na verdade eu faço isso com todas as pessoas que já conheci... só pra... vocês sabem... ver como estão as coisas... Aliás, não só de ex, mas vamos falar dos atuais aqui. Só o homem da Lari tá prestando pra ter rede social, vamos falar a verdade!

— O quê? Oi? Como assim? — elas perguntam indignadas.

— O GB é um saco, só fica postando mensagem motivacional, isso porque ele viaja o mundo! Podia estar postando fotos de pontos turísticos, lugares interessantes, mas não, frase de “acorde feliz! Seja grato!”. Meu Deus. Um saco!

— Isso é verdade, ele precisa de um gestor de redes sociais, é bem chato — Lari me apoia.

— O Zeca... afff... só foto de cachorro, nem foto dele tem no perfil! Como que a gente vai saber se você estão bem, se saíram pra comer...onde foram passear? Ainda se postasse foto dos cachorros junto com vocês, mas não! Muito chato.

— Concordo! Falta um pouco de humanidade ali, Mel — dessa vez é Dani que ajuda.

— Agora, o Nando, ó! De parabéns! — bato palminhas no ar — Foto com a Lari, foto com a Luiza, foto com as três, foto de ponto turístico, foto de tudo... esse sim sabe nos manter informadas!

— Tá, mas agora vamos falar do que interessa... — as três me analisam.

— Pff... — eu bufo, já sei o que elas querem saber. — É... EU SEI.. ele não posta NADA! N-A-D-A! Nem um repost de resultado de jogo, nem uma invasão hacker do tigrinho<sup>11</sup>!

— E você não mandou mensagem pra ele? Sei lá, pra saber como está...ou... ele não mandou nada pra saber se você não tacou fogo nas caixas dele?

— Nadica de nada!

— Mas será que ele entra na internet, no perfil dele?

— Ah, entra sim! Eu vejo online. Não que eu fique o tempo todo entrando ali no chat pra ver se ele está online.. é algo casual sabe...

— Aham... sabemos... — elas respondem em uníssono e disfarçam, eu sei que estão tirando com a minha cara.

— Ele vê seus stories? — Dani pergunta.

— AAAAhhhhhhh.... — eu simulo um choro exagerado — por quê????!!! Ele vê, sim ele vê! Sabe o que ele vê??? As fotos que eu posto SEM maquiagem! Aquelas que eu tô torta, com pijama, parecendo ainda mais gorda! Agora, aquelas que eu tô bonita, com make, toda maravilhosa... nada! Fico ali, só monitorando... e nada... A foto some e... ele não vê, mas adivinha, na sequência posto uma foto do pastel da feira. E aí...!?

— Ele vê...

— Pois é... assim que as coisas são. — bato as mãos da mesa e me levanto em um impulso.

— Mas... se você está assim tão preocupada... — Lari começa.

— Será que... — Mel continua.

— Você tá doida pra dar pra ele! — Dani finaliza.

— Vocês estão viajando... nada a ver.

Como existe a premissa do “pensar muito em alguém e essa pessoa aparecer”, é óbvio que logo depois dessa conversa meu telefone vibra na mesa. Estou servindo suco para as crianças e ouço Dani gritar da cozinha.

— Tem mensagem pra você! E não é o filme da Meg Ryan, mas o final pode ser o mesmo!

Saio correndo e tiro o telefone das mãos dela.

MARCELO NOIVO FAKE:

---

<sup>11</sup> Em 2024, perfis do jogo do tigrinho invadiram as redes sociais.

Oi! Sou eu, Marcelo.  
O dia chegou.

MARI:  
Oi! Tudo bem? Como você está?  
Dia? Que dia?

(Meu coração está cavalgando, ao usar a palavra cavalgar, pensei em outra coisa e então fiquei ainda mais nervosa!)

MARCELO NOIVO FAKE:  
Amanhã, pode ser? Vai estar em casa?  
Passo aí logo pela manhã.

Aí então entendi. O dia ao qual ele se referia era ao “dia de tirar as coisas de casa”. Finalmente, a única coisa que ainda nos unia seria extinta da minha vida. E talvez eu estivesse triste por isso, mas jamais daria o braço a torcer.



AGOSTO, 2024

Niander estava na escola. A guarda provisória dele já estava comigo e, aos poucos, nossa rotina tomava forma. Na semana passada fui surpreendida com um desenho em que ele registrou nós dois de mãos dadas em frente a uma casa. Ele desenhou um cachorro também, devido à influência da Mel, agora ele quer um bichinho de estimação. Venho trabalhando isso internamente, aceitar um cachorro em casa, mas acho que até pode ser benéfico para ele ter um parceiro aqui dentro desse lugar imenso.

Estava sentada na sala esperando Marcelo chegar para desfazer nosso “contrato”. Assim, aleatoriamente, sem intenção alguma, eu acabei tomando um banho, colocando uma roupa bonita, fiz maquiagem e coloquei uma calcinha nova (vermelha). Nada demais assim. Só pra caso, sei lá, vai que... não que eu esteja pensando em alguma coisa. Longe de mim, mas graças a Deus. Assim... tipo... só pra constar sabe. Pra eu me sentir bem comigo mesma, empoderada, aquela coisa toda.

Não espero que ele toque a campainha e saio na porta assim que escuto a caminhonete estacionar em frente. Ele está bonito. Meu Deus, ele está... bem bonito. Está usando uma camisa polo verde claro e uma calça bege, com um tênis. Tenho certeza que esse homem não gosta de rock. Fala sério! São anos acompanhando as meninas em shows e nunca, jamais, eu vi um homem bonito desse jeito. O meu problema, é que eu costumo falar o que penso com bastante frequência.

— Você não parece um cara que gosta de rock.

— Bom dia, Mari! — ele está na skin simpático hoje.

— Bom dia! Finalmente vai ter um lugar para colocar suas coisas de rock sem mofo?

— Sim, finalmente, tenho uma casa e minha dignidade de volta — ele entra em casa e eu fecho a porta. — Respondendo à sua pergunta... por que acha que eu não gosto de rock? Só porque é uma música de riquinhos brancos?

— Eu não tinha pensado por esse lado, na verdade... — pensei que você é bonito demais — você não se veste como um.

— Ah, mas já me vesti.

— Duvido!

Estamos entrando na casa e ele caminha à minha frente pelo corredor. Está muito simpático para ser verdade.

— Eu já tive dreads...

— Nãoooo! Meu Deus! — fico assombrada. — Você era “Marley<sup>12</sup> vibes”? Galerinha do reggae? Marijuana, maconhinha?

Ele se vira para mim e posso constatar: ele é uma pessoa excelente, mas eu tenho o poder de despertar o demoniozinho que vive dentro dele.

— Não, Docinho... posso ter fumado no passado, mas nunca fui um “Marley vibes” — ele imita minha voz.

— Sabe que a Docinho é a personagem que eu mais odeio nas Meninas Superpoderosas, né?

— Ah, é? Sorte sua, eu nem sei que desenho é esse — ele volta a caminhar pelo corredor.

— Mas sabe que é um desenho.

— Quem não sabe que é um desenho?

— Você tem razão...

Chegamos ao quarto e ele começa a separar as caixas para levá-las até a sala e, de lá, para a caminhonete. Ficamos em um silêncio desesperador. Não consigo conviver tanto tempo com o silêncio. Eu já teria ligado uma musiquinha, ligado a televisão só para

---

<sup>12</sup> Bob Marley é o mais conhecido músico de reggae de todos os tempos.

ouvir um barulhinho, ou estaria falando sem parar. Mas o espírito da Lari não estava em mim, portanto meu lado tagarela se encontrava adormecido.

Depois de alguns bons minutos, é ele quem começa a falar.

— E aí, como está sendo ser mãe de primeira viagem?

— Está excelente! Eu sempre soube que nasci para isso! Nunca matei uma planta, sabia? Meu peixinho durou anos e anos. Eu sei ser uma pessoa responsável que cuida de outro ser vivo!

— Eu nunca duvidei disso... — ele arqueou uma sobrancelha, como se eu o acusasse de algo.

— Ah, não?

— Por que eu duvidaria?

— Sei lá... você sempre pareceu tão...

— Tão...?

— Crítico... julgador... superior... pai perfeito.

— Tsc... — ele coloca a última caixa no chão da sala. — Você não me conhece mesmo.

— Eu tentei, sabe, mas você consegue ser bastante agressivo.

Ele se senta no sofá, um pouco ofegante. Preparo físico, ele precisa começar a cuidar da saúde. Se está assim aos 40 e poucos, logo logo vai estar sem equilíbrio, todo flácido.

— No que está pensando?

— Que você cansou muito rápido! Eu ainda aguento mais.

— Com certeza, Mari! Isso porque você carregou quantas caixas? Ah... duas caixinhas, né?

— Nossa, você consegue mesmo, hein...

Ele sempre estraga as coisas quando começam a ficar amenas, a hora que parece que estamos entrando em um acordo, em uma conversa amigável, ele vem e “pá”, dá uma voadora. Penso em deixá-lo ali sozinho, com a desculpa de apagar a luz do quarto, então saio batendo os pés, mas acho que exagero nas batidas dos pés, porque meu chinelo enrosca no tapete (eu disse que precisava tirar os tapetes da casa, por que não tirei ainda?!).

Preciso realmente contar o que aconteceu? Marcelo estava sentado no sofá, tranquilamente, confortavelmente, as pernas abertas e os braços apoiados no encosto. Eu caio de cara, de.ca.ra., DE CARA!

— Wow! — ele se assusta. Estou com as mãos espalmadas em suas coxas. Estou ofegante. Muito, muito assustada. — Isso tudo é vontade? — ele pergunta me provocando.

Em resposta, decido ser ainda mais provocante, coloco a mão diretamente e aperto seu pau, só para deixar claro que não vou tolerar mais suas piadinhas idiotas. Mas assim que faço isso, algo me impressiona. Não era só o tamanho... ele estava duro.

— Não sei por mim, mas por você... parece que é vontade...

Estamos nos olhando, os olhos escuros dele ficam ainda mais brilhantes. As narinas infladas e a respiração ofegante. Eu sempre digo, dá pra fazer e consertar depois.

Começo a abrir o zíper da calça e solto o botão. Ele me surpreende e levanta a bunda para empurrar a calça. Só então me dou conta da vontade que estava de chupá-lo desde que o vi pela primeira vez. Sinto a boca salivar. Não falamos nada, enquanto passo língua levemente pelo seu pau para depois engoli-lo, começo a subir e descer rapidamente, as veias dele ficando cada vez mais inchadas. Eu sei que ele está prestes a gozar. Então ele afasta seu corpo de mim. Quase imploro para que retorne.

Marcelo se curva, para que nossos olhos fiquem na mesma altura. Eu ajoelhada a seus pés e ele sentado me encarando.

— Vem! — ele ordena, pega minha mão e se levanta.

— Onde? Não vou a... — não consigo terminar. Ele tampa minha boca com a dele.

É um beijo quente, rápido e desesperado. Ele me aperta contra si e sinto seu pau roçar pelo meu vestido. Ele desce beijando meu queixo, meu pescoço e puxa a alça do meu vestido, lambendo todo meu colo. Com as mãos começa a apertar meus seios.

Não sei como tudo isso começou, mas não quero que acabe. Me afasto e tiro meu vestido por completo, ficando totalmente exposta, todas as minhas dobras, meus seios fartos e, claro, minha calcinha vermelha nova.

Sinto meu coração batendo acelerado, cada pulsação ecoando. Ele vem se aproximando até que eu encoste a perna no sofá e me força a deitar. Quando ele se deita sobre mim, o calor e o peso do seu corpo me envolvem. Seus dedos começam a explorar meu corpo com uma leveza que faz cada parte se arrepiar.

Ele abre bem minhas pernas e passa os dedos com leveza por cima da minha calcinha, que ficou ainda mais fina por estar tão molhada. Começo a gemer, arqueando o corpo em resposta. Ele para por um momento, olhando nos meus olhos, buscando a confirmação, assinto balançando a cabeça. Ele puxa a calcinha para o lado e se encaixa em mim. É delicioso, é perfeito e preenche todo o meu espaço.

Movimento os quadris pedindo para que ele continue, implorando para que ele entre ainda mais. Nos movemos juntos, nossos corpos sincronizados, os toques leves e as estocadas firmes, são exatamente como somos juntos, amor e raiva, necessidade e urgência. Eu o olho nos olhos, bem lá dentro, como se lá no fundo estivesse o que eu sempre procurei, ele retribui o olhar e me encara com seriedade. Eu nunca soube que precisava de alguém, até conhecer esse tipo de sexo. Percebo sua respiração ainda mais acelerada e algo me inunda, a sensação faz com que eu goze na sequência, o líquido quente escorrendo de mim, tudo pulsando. Sexo nunca mais seria sexo se não fosse desse jeito.

Marcelo acabara de arruinar toda a minha vida sexual.



Estou largada no sofá, sem forças para me levantar ou me movimentar. Toda minha energia se foi. Mas a dele parece intacta. Marcelo já está vestido e carregando a caminhonete. Enquanto continuo nua, deitada no sofá. Toda vez que volta para buscar mais uma caixa, ele me olha e desvia o olhar rapidamente. Parece estar com vergonha ou seria arrependimento?

Quando ele volta para pegar a última, eu sei que aquela não é somente uma última caixa, é também a última vez que vou vê-lo. Já fiz sexo muitas vezes, na maior parte delas, sexo sem sentido. Desses que você faz para passar o tempo, para se distrair, para aliviar uma vontade ou só para se afirmar. Eu já fiz sexo com homens e também com mulheres, já experimentei muitas formas de prazer, mas nunca como essa.

O prazer de sentir alguma coisa que vai além do físico. Eu não queria sentir o pau dele dentro de mim, eu queria senti-lo inteiro dentro de mim. E era tudo muito novo, será que era disso que Lari e Mel tanto falavam? Era isso que a gente sentia quando fazia sexo por amor?

— Eu... — ele fala sem graça, evitando olhar meu corpo nu — estou indo então, tá?

Não respondo, continuo a olhá-lo. Quero que ele volte, que deite do meu lado e que possamos ficar deitadinhos de conchinha até amanhã, ou até dar a hora de buscar as crianças na escola. Eu só queria poder dar mais um beijo naquela boca. Ele cruza os braços e olha para baixo. Eu não respondo.

É uma situação estranha.

— Você fecha a porta depois?

Ainda sem falar, eu balanço a cabeça afirmativamente.

Ele se vira e está saindo, quando tomo coragem e me sento no sofá para falar: — Fica mais um pouco...

Ele para, mas não me olha.

— Eu... preciso ir...

— Só uns minutinhos...fica...só...uns...

Ele volta a me olhar, a cara de Marcelo bonzinho, não era a cara de Marcelo enfezado. Ele sorri, mas é um sorriso diferente, de um jeito que nunca tinha visto. Dava para ver os dentes branquinhos, acho que era o primeiro sorriso que eu via ele dar.

— Só acho que, antes, você deveria se vestir.

— Algum motivo em particular para isso?

— É que... é uma tentação muito grande.

Eu sorrio e coloco uma almofada na frente dos meus peitos: — Assim, serve?

— Não funcionou.

Coloco mais uma almofada em cima das minhas pernas e faço um sinal com as mãos perguntando sua opinião. Ele responde: — Ainda não funciona.

— A gente poderia... talvez... ceder à tentação... não sei...

— Hoje à noite? Trago o vinho! — ele responde e se vira, caminhando para a porta.

— Marcelo, nós só estamos transando, não vamos casar! — faço uma advertência.

— Bom, mas já sabemos que você é boa de noivados... — ele responde e dá uma piscadinha, fica me olhando por algum tempo e então fecha os olhos e balança a cabeça. — Quer saber... foda-se!

Vem correndo e se joga em cima de mim.

# Epílogo

Agosto de 2024

## **LISTA DE COISAS PARA FAZER ANTES DOS 40 ANOS**

- ~~Fazer faculdade em uma universidade pública;~~
- ~~Perder a virgindade; Experimentar muitas coisas sexuais diferentes;~~
- ~~Ter um filho; Adotar mais um filho~~
- ~~Viajar para todos os estados do Brasil;~~
- ~~Escrever um livro;~~
- ~~Ir a todas as festas de faculdade;~~
- ~~Fazer doutorado;~~
- ~~Me apaixonar de verdade;~~
- ~~Ter minha própria casa;~~
- ~~Convencer minhas amigas a irem a uma micareta;~~
- ~~Conseguir ouvir rock por mais de 2 minutos;~~
- ~~Gostar de fazer atividades físicas;~~
- ~~Aprender a fazer bolo;~~
- ~~Cantar e dançar Ragatanga sem errar a letra;~~
- ~~Conhecer uma pessoa aleatória e pedi-lo em casamento;~~
- ~~Tomar um porre até não me lembrar quem sou;~~
- ~~Passar um dia inteiro na cama dormindo;~~
- ~~Ir à rodoviária e pegar o próximo ônibus, para qualquer lugar;~~
- ~~Alisar o cabelo;~~
- ...
- Morar junto com Marcelo e nossos filhos;
- Viajar para a praia com Marcelo e os meninos;
- Preparar o lançamento do livro para a Bienal 2025;
- Aprender a dirigir uma caminhonete gigante;

# Capítulo extra

OUTUBRO, 2025

Estamos ansiosos, nós quatro apenas observando. Ela caminha pela casa apreensiva, olhando curiosa cada cômodo.

— Será que ela vai gostar da gente, mamãe? — Niander sussurra para mim.

Me abaixo para ficar ainda mais perto: — Não sei... você gostou da gente?

— Eu amo vocês! — ele fala com a vozinha fina e os olhos grandes brilhando.

— Então, acho que ela vai gostar muito de todos nós.

Ana Clara está explorando tudo, ainda se adaptando à nossa rotina. Agora, os horários estão mais apertados, hora para levar à escola, hora do futebol, hora do judô, hora do inglês. Toda a rotina foi modificada, assim como os cômodos da casa, aliás, precisamos providenciar um novo espaço para as coleções de Marcelo, que perdeu seu quatinho, ele agora pertencia à nossa nova filha.

Enzo, o mais novo dos três, continuava falando “como se não houvesse amanhã”. E eu me perguntava a quem ele havia puxado, porque não conseguia imaginar Marcelo ou Elisa tão falantes assim. Marcelo dizia que era a convivência comigo e que, por isso, Niander era tão quieto.

— Ele fica quieto porque sabe que você já fala demais, devia deixar o menino mais à vontade.

— Eu deixo ele à vontade! Agora, quero ver como vai ser com a Ana Clara... é menina!

— E...

— Mulheres falam, falam muito! Confia em mim.

— Não sei se todas as mulheres, mas a minha... eu vou te contar, viu?! — ele fala e me puxa para perto, dando um abraço apertado.

— Eu sou legal e divertida, só pra compensar o quanto o meu homem é rabugento!

Ele dá um beijo no topo da minha cabeça e ficamos observando as crianças correrem pela casa, que já nem era mais tão grande como antes.

## LEIA MAIS!

Ficou curiosa com a história das demais personagens!? Leia “Quarentamos” e encontre a continuação dessa história sob o ponto de vista das demais personagens.

## A autora

**Vivian Guilherme** é escritora, jornalista, compositora e produtora cultural. Graduada em Letras, com pós-graduação em Jornalismo e Filosofia, é mestre em Ciência e Tecnologia (Ufscar). Teve seus primeiros textos publicados em coletâneas do Centro Literário de Rio Claro (Clirc), sua cidade natal, no começo dos anos 2000. Foi eleita Personalidade Musical do ano por duas vezes (2008 e 2011) no Prêmio GRC Music, por seus trabalhos como idealizadora do Festival Rock Feminino. Em 2021, foi a segunda colocada na categoria mídia do Prêmio Juíza Viviane Vieira do Amaral, que contempla ações no combate à violência contra a mulher. Atuou como jornalista e editora nos jornais Diário do Rio Claro, Jornal Regional e Jornal Cidade. Adora romance, música, doces e tudo que pode surgir dessa combinação.



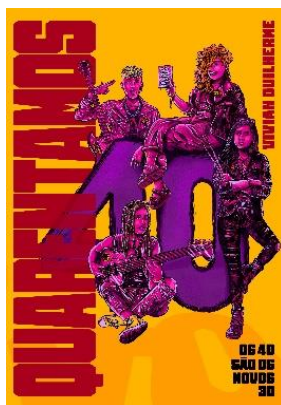
## Outros livros da autora

### O CARA DO PÔSTER



Quem nunca colecionou pôsteres de seus ídolos do rock? As imagens na parede fizeram parte das gerações Y e Z, fazendo com que muitos imaginassem uma realidade alternativa. Karen é uma dessas garotas, que sonhava diariamente um romance com o guitarrista da banda de heavy metal Mystic Feelings. Os anos se passaram, a banda acabou, Karen se casou e já não era mais uma jovem sonhadora. Entretanto, seu mundo vai virar de ponta-cabeça quando encontra Ricardo, que já não é mais o guitarrista famoso que costumava ser e hoje faz shows com uma banda cover em pequenos bares. Divorciado, com uma filha, trabalhando para pagar pensão e de casamento marcado com uma segunda mulher, Ricardo vê sua vida mudar completamente quando conhece uma fã, que o faz lembrar do grande rockstar que foi na juventude. “O cara do pôster” é o clichê dos romances entre fã e seu ídolo, mas com o tom de tristeza e decadência, daqueles que sentiram as cobranças da vida adulta.

### QUARENTAMOS

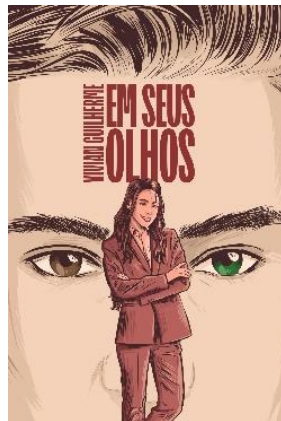


Aos 20, elas acreditavam que já teriam a vida resolvida. Aos 40, descobriram que ainda estavam aprendendo a viver. Em Quarentamos: Os 40 são os novos 30, Vivian Guilherme entrega uma comédia romântica moderna, divertida e emocional sobre recomeços, amizades femininas e a coragem de se reinventar quando a vida sai completamente do roteiro. Você vai conferir: encontros inesperados, paixões intensas, crises existenciais, traumas do passado e muita nostalgia dos anos 2000. Quatro mulheres percebem que amadurecer não significa abrir mão do amor, dos desejos ou da própria identidade. Pelo contrário: talvez a melhor fase da vida comece justamente quando a sociedade insiste em dizer que ela já passou. Com diálogos envolventes,

personagens reais e aquele conforto viciante das histórias que fazem rir, suspirar e se reconhecer em cada página, Quarentamos conversa diretamente com toda uma geração de mulheres que cresceram entre MSN, Orkut, romances improváveis e sonhos adiados pela vida adulta.

São 4 noveletas curtas (de 10 capítulos), sendo que cada uma conta a história de uma personagem. Em alguns casos, você vai conferir a mesma cena por 4 diferentes pontos de vista! Conheça: Mel, Dani, Lari e Mari. As ex-integrantes de banda de rock Petals já não tem mais 20 anos e também já não são mais rockstars, são mães, empresárias e seguem lutando por suas vidas.

## EM SEUS OLHOS



O que deveria ser apenas uma noite entre dois desconhecidos se transforma em um mergulho nas coincidências que o destino insiste em costurar. Ana tentava se refugiar da chuva quando decidiu adentrar uma cafeteria. O que ela não esperava era encontrar Tom, um atendente muito simpático e gentil, que a abrigou quando a enchente começou a tomar a rua e impedi-la de chegar até seu carro. Após uma conversa trivial, em um impulso, quase inconsciente, Ana se convida para ir ao apartamento dele no andar superior. Apesar de manter a postura gentil e acolhedora, Tom aceita a presença da mulher em sua casa. O que seria apenas uma noite casual e sem compromisso, traz muitas outras camadas. O que Ana esconde? Por que ela precisava tão desesperadamente de apenas uma noite de amor? E por que Tom se submeteu a ser apenas mais um nessa história? Por trás do que parece ser só mais uma história romântica qualquer, há dor, insegurança e um passado inexplicado. Ana e Tom descobrem que o destino tem formas curiosas de unir duas almas partidas.

# Por dentro do Vivianverso

**Site oficial da autora:**

<https://vivianguilherme.com.br/>

**Instagram da autora:**

<https://www.instagram.com/vivianguilherme/>

**Página da autora no Skoob:**

<https://www.skoob.com.br/autor/79594-vivian-guilherme>